

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**A ATUAÇÃO DOS MISSIONÁRIOS DA SAGRADA FAMÍLIA
EM NATAL (1912-1970)**

Gilmar Pereira de Castro



**NATAL-RN
2005**



COCHA - DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Núcleo de Estudos Históricos, Arqueológicos
e de Documentos - NEHAD
Nº Chamada: _____
Cutter: _____
Instal. _____

Gilmar Pereira de Castro

A ATUAÇÃO DOS MISSIONÁRIOS DA SAGRADA FAMÍLIA EM NATAL (1912-1970)

Monografia de final de curso apresentada ao Departamento de História – UFRN, como requisito básico à obtenção do grau de Licenciatura plena em História.

Orientador: Prof^a Conceição Guilherme Coelho



NATAL-RN

2005

DEDICATÓRIA

A Deus, sobretudo.

Dedico este trabalho aos membros da Paróquia da Sagrada Família e Santos Reis, nas Rocas, por serem herdeiros dos ensinamentos dos religiosos da Sagrada Família.

Com amizade e apreço.

Ao Seminário Arquidiocesano de São Paulo

A Arquidiocese de Natal

As Paróquias do Senhor Bom Jesus, São Pedro e Sagrada Família

Aos professores, funcionários e alunos da UFRN

Ao Departamento de História

Ao Prof. Dr. José Amílido Rêgo – Reitor da UFRN

Ao Prof. Márcio Valença – Diretor da GCHLA

Ao Prof. Helder Viana do Nascimento – Chefe do Departamento de História

Ao Prof. Conceição Guilherme Coelho – Orientadora acadêmica

Ao Prof. Pe. Vicente Laurindo de Araújo – M.S.F.

Ao Prof. José Gonçalves

Ao Prof. Luiz Eduardo Brandão Suassuna – banca examinadora

Ao Prof. Franciaca Aurinete G. Barreto da Silva – banca examinadora

AGRADECIMENTOS

INTRO	A Deus, sobretudo.	
1.1.1	A Margarida Maria de castro, minha mãe.	8
1.1.2	A Dom Matias Patrício de Macedo, Arcebispo de Natal.	8
1.2	A Dom Heitor de Araújo Sales, tradutor.	22
1.3	Ao Instituto Juvino Barreto e irmãs de Caridade.	27
2- EX	Ao Seminário Arquidiocesano de São Pedro.	33
2.1	A Arquidiocese de Natal.	33
2.2	Às Paróquias do Senhor Bom Jesus, São Pedro e Sagrada Família.	38
2.3	Aos professores, funcionários e alunos da UFRN.	44
3- RE	Ao Departamento de História.	51
3.1	Ao Profº Dr. José Ivonildo Rego – Reitor da UFRN.	51
3.2	Ao Profº Márcio Valença – Diretor da CCHLA.	54
3.3	Ao Profº Helder Viana do Nascimento – Chefe do Departamento de História.	55
3.4	À Profª Conceição Guilherme Coelho – Orientadora da Monografia.	77
CONC	Ao Profº Pe. Vicente Laurindo de Araújo – M.S.F.	83
FONTE	Ao Profº Josué Gonçalves.	86
ANEX	Ao Profº Luiz Eduardo Brandão Suassuna – banca examinadora	89
	À Profª Francisca Aurinete G. Barreto da Silva – banca examinadora.	

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1. HISTÓRIA DA ORDEM MISSIONÁRIA.....	8
1.1 O fundador: Padre João Batista Berthier.....	8
1.2 Fundação.....	22
1.3 Organizações e adeptos.....	27
2- EXPANSÃO MISSIONÁRIA.....	33
2.1. Envio em Missão para a América Latina.....	33
2.2. Chegada ao Nordeste e a Natal-Rio Grande do Norte.....	38
2.3. Presença em Natal-Rio Grande do Norte.....	44
3 – RELAÇÕES COM A SOCIEDADE NATALENSE.....	51
3.1 O Cotidiano e as influências sócio-religiosas da sociedade natalense... ..	51
3.2. A Ribeira e as áreas de atuação dos Missionários da Sagrada Família. .	54
3.3. As Realizações dos Missionários.....	65
3.4. Os Testemunhos.....	77
CONCLUSÃO.....	83
FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	86
ANEXOS.....	89

INTRODUÇÃO

O trabalho monográfico sobre a atuação dos Missionários da Sagrada Família em Natal, no período que corresponde aos anos de 1912 a 1970, é uma contribuição à História da Igreja em Natal e do Rio Grande do Norte. O período acima referido caracteriza o início da história dos missionários com a chegada e o dinamismo das realizações que foram desenvolvidas, como por exemplo, a construção de igrejas, capelas e escolas, até a década de setenta, em virtude da morte dos últimos missionários e a não substituição, por causa da escassez de novas vocações no mundo inteiro.

Os conceitos existentes na pesquisa têm uma compreensão ampla e específica, conforme os métodos atuais, como por exemplo, o conceito de religião, que tem um significado no âmbito comum, de união com o absoluto, enquanto que, na pesquisa adotamos uma aceção ampla, com diferentes significados, segundo a historiografia atual. Os conceitos de Ordem, Associação religiosa ou Confraria têm significados distintos, para a historiografia atual, porque as influências são diversas e havia critérios hierárquicos sociais e raciais para os seus participantes. As Ordens tinham sempre um fundador que regulava a disciplina, já as confrarias eram associações leigas ligadas a uma Igreja ou a uma devoção, com finalidade de solidariedade, entre os seus membros. Os conceitos de evangelização, trabalho missionário e trabalho social, por exemplo, tornam possível compreender a partir dos diferentes significados, segundo a nova historiografia, que permite abstrair do senso comum, para uma compreensão ampla, porque não ficam restritos somente ao âmbito eclesial.

Quanto a Metodologia utilizamos os critérios da pesquisa nova das ciências contemporâneas, como por exemplo, o trabalho da história oral, que são os

testemunhos orais. Este tipo de trabalho é importante porque vai possibilitar se produzir o essencial do material coletado em forma de depoimentos, que são analisados com os métodos adequados. A técnica ou recursos da entrevista e a busca de dados familiares e individuais constituem fatores básicos para o estudo.

O critério de escolha dos que foram entrevistados, baseou-se no conhecimento sobre o tema em estudo, que tenham sido contemporâneos, que tenham tido alguma relação com a Ordem e que tenham capacidade crítica e interpretativa. As perguntas foram pré-elaboradas e seguiram uma ordem, cujo conteúdo está relacionado exclusivamente com o objeto de investigação, que é a Ordem religiosa da Sagrada Família. O critério de escolha dos que foram entrevistados é que fossem dos diversos seguimentos da sociedade natalense, as pessoas do clero, como também leigos da sociedade civil. Os depoimentos coletados seguem o princípio de distinção e ordem, entre o que é essencial ou inessencial.

As fontes denominadas de escritas ou documentos existentes, como por exemplo, as Crônicas, os Manuscritos, Livro de Tombo, Registros paroquiais, Artigos e Arquivos paroquiais foram úteis, porque forneceram o material para as análises, seleção e os confrontos entre os próprios textos, como também a utilização das obras dos autores locais, que foram confrontadas e analisadas.

As abordagens mais adequadas aos documentos são as semióticas, porque possibilitam os textos falarem sobre coisas que o próprio autor do texto não pretendia dizer. Isto sem levar em consideração a possibilidade de contradições em vários textos, quando se põem as várias versões a respeito de um acontecimento. Os textos bibliográficos foram considerados "objeto de comunicação", porque serviram para analisar o contexto-social que os envolve e que, de alguma maneira atribui-lhe sentido. Como também, estes textos proporcionaram o exame do ponto

de vista das intenções ou das motivações pessoais do autor que o produziu, ou dos que dele se apropriaram, impondo-lhe novos sentidos.

Este é o direcionamento teórico-metodológico utilizado no desenrolar da monografia.

A monografia contém em seu primeiro capítulo um histórico referente à Ordem religiosa, sua origem, os objetivos e as projeções, que culminara com a política de expansão. Nesta unidade, procurou-se saber melhor como se estruturou a Ordem missionária, o fundador em Grave, na Holanda em 1855, Padre João Batista Berthier, seus adeptos e impressões que causaram, porque rapidamente se espalharam pelos quatro continentes.

No segundo capítulo buscou-se saber como ocorreram as expansões missionárias, a chegada ao Brasil e à Natal, Rio Grande do Norte, bem como quais as finalidades dessas missões e os impactos com outras culturas, porque os membros da Ordem Missionária da Sagrada Família eram quase todos alemães.

No terceiro capítulo, se buscou compreender a consolidação da Ordem instalada na Ribeira, Natal, a partir de 1915, pela importância, porque por muitos anos foi Sede missionária no Brasil. A partir da experiência da Ribeira levantam-se informações que ajudam melhor caracterizar a Ordem missionária nos campos religiosos e sócio-culturais. Além do que, a Ribeira foi o início da história dos missionários em Natal, porque de lá os religiosos partiam em Missão para o interior do Estado e outras localidades do Brasil. É importante para a história da Igreja em Natal saber quem eram os missionários da Ribeira, como eles viviam e quais foram às realizações e iniciativas para o desenvolvimento da sociedade natalense.

A viabilidade da monografia levou em consideração os critérios da historiografia atual, porque tornam possível as críticas, acréscimos e considerações da nova história.

1. HISTÓRIA DA ORDEM MISSIONÁRIA



1.1 O fundador: Padre João Batista Berthier

Pe. Berthier nasceu na França, no dia vinte e quatro de fevereiro de 1840. Passou sua infância com seus cinco irmãos, no pequeno sítio de seus pais. Sentindo-se chamado ao Sacerdócio, seguiu sua vocação. Em La Cote-Saint-André, a uns quinze quilômetros de Châtonnay, encontrava-se o Seminário, que foi um antigo Convento dos Frades Menores Reformadores, onde Padre Berthier permaneceu durante quatro anos. Neste Seminário, aprendiam-se, de forma sólida, as Línguas Clássicas: Latim e Grego, e também se dava atenção à Língua Materna, ou seja, o Francês. O Padre Berthier estava sempre entre os melhores e teve oportunidade de desenvolver os seus dons e exercer o Apostolado de Congregado Mariano, como conselheiro de novos membros para a referida Associação.

Em 1857, Padre Berthier se despediu de La Côte e, no outubro do mesmo ano, foi ao Seminário Menor "Lê Rondeau" em Grenoble, na França, para estudar Filosofia. Este Seminário localizava-se fora da cidade de Grenoble, à beira do rio Drac que desemboca no Isère.

Nos anos cinqüenta do século passado, na França, só se lia Descartes, o "pai da Filosofia Moderna". Padre Berthier não se contentou com as idéias cartesianas, ou seja, percebeu que a nova Ciência era incompatível com os Dogmas do Cristianismo, por isto, preferiu rever Santo Tomás de Aquino, que julgou fidedigno aos seus Estudos, com a perspectiva de logo poder iniciar o Estudo Teológico.

No dia vinte e três de outubro de 1858, entrou no Seminário Maior no coração da antiga Grenoble. Neste período, os escritores franceses, se

posicionavam de forma desfavorável sobre a formação sacerdotal, porque o ensino estava atrasado, a formação teológica era insuficiente e porque faltavam professores, cientificamente preparados. (O ensino estava atrasado, a formação teológica era insuficiente, porque faltavam professores, cientificamente preparados). A formação dos sacerdotes ficou atrasada, por causa das muitas e grandes dificuldades que a Igreja Francesa teve que enfrentar, desde a Revolução e durante o regime do Imperador Napoleão I. Apesar das precariedades na formação, o Seminário de Grenoble se destacava em comparação aos outros seminários Franceses, cuja formação era defasada.

A Direção do Seminário estava nas mãos do Reverendo Sr. Jacques Feles Orce, que o dirigiu por mais de quarenta anos e ao mesmo tempo, ocupava o posto de Vigário Geral. O jovem estudante João Berthier já sentia sua responsabilidade em vista do futuro, através dos Estudos e da pesquisa sobre as Escrituras.

No dia vinte e três de abril de 1859, recebeu a tonsura, que é a admissão ao estado clerical. A dezenove de julho do mesmo ano, as quatro ordens menores, a saber: o Exorcitato, para expulsar o demônio das pessoas; o Ostiariato, para abrir e fechar a Igreja; o Leitorato, para proclamar a palavra nas Liturgias e o Acolitato, para servir no altar às Celebrações. O Subdiaconato, que o obrigava a manter o celibato e a rezar o Breviário, foi concedido a dezesseis de março de 1861. Já o Diaconato, recebeu-o, no Domingo da Paixão, a cinco de abril de 1862. Em vinte de setembro de 1862 foi ordenado Sacerdote em Grenoble. Em suas visitas ao mosteiro de Chartreuse, o jovem sacerdote sentiu-se impressionado pela vida severa dos monges cartuxos, que eram religiosos de vida contemplativa no deserto, cuja ordem foi fundada por São Bruno. A partir da aproximação com os religiosos que viviam em contínua penitência, Padre Berthier aspirou pela vida religiosa. Mas preferiu o

ingresso na Congregação dos Missionários de La Salette, na qual tinha proferido os seus votos em 1860, antes mesmo da Ordenação Sacerdotal.

O pensamento do referido religioso, como escritor em suas obras, apontava para a importância da vida religiosa. Na Congregação religiosa a que ingressou, exerceu cargos de direção, que desempenhou de forma ativa, cujo direcionamento não o levava à vida contemplativa, mas a uma incansável dedicação e ampla pastoral de fiéis. Aos poucos foi-se identificando mais a um missionário do povo. Como jovem sacerdote, o seu ideal era somente trabalhar e pregar missões nas Paróquias da França.

A França ainda estava vivendo os efeitos das idéias liberais e anticlericais dos pensadores franceses, como: Locke, Voltaire, Montesquieu e Rosseau. A Sociedade Francesa estava organizada conforme as três Classes Sociais, a Nobreza, o Clero e o Terceiro Estado, cujos problemas políticos e sociais se agravaram, juntamente com a crise econômica no País, que resultou na Revolução Francesa, a qual afetou, sobretudo, a população mais pobre e gerou a decadência moral no Clero.

Padre Berthier preocupou-se em desenvolver missões nas Paróquias com o objetivo de esclarecer às populações ignorantes o que diz respeito aos princípios do Cristianismo, frente às novas idéias racionais, ou seja, a idéia da razão como centro e única detentora da verdade científica, que era incompatível com os Dogmas da Igreja. As idéias modernas pretendiam ampliar o conhecimento, sem relação com as verdades do Cristianismo. A Sociedade Francesa, a partir dos ideais liberais, caracterizava-se pelo relativismo, cuja doutrina julgava ser o homem responsável pelo conhecimento científico e pelo seu próprio destino. Este era o ambiente que despertou a Igreja para ter maior presença na Sociedade, com o intuito de

salvaguardar as verdades reveladas, contidas nas Escrituras. A Igreja teve de assumir uma postura de revitalização a partir dos seus membros, numa tentativa de corrigir-se a si mesmos e, ao mesmo tempo, abrir-se ao diálogo com o Mundo em contínua transformação.

Até o ano de 1876, a Congregação dos Missionários de La Salette, da qual o Padre Berthier fazia parte, não estava bem fundamentada, porque lhe faltavam regras, que definissem melhor a pequena Comunidade de Religiosos. Entre os membros, não havia unanimidade sobre a formulação de uma Regra, que os caracterizasse como Ordem Religiosa, porque até então, a Comunidade seguia, de forma provisória, uma Regra não especificada, com um pouco de Apostolado e um pouco de Vida Contemplativa. A partir desse dilema, Padre Giraud, eleito Superior da Comunidade, tentou dar diretrizes religiosas à Congregação, que contemplassem os dois ramos: os missionários e os contemplativos.

Esse Plano não encontrou a adesão do Vigário Geral da Diocese de Grenoble, o Mons. Orce, que julgou inexecutável fazer esse duplo Instituto, incapazes de realizar-se, de maneira satisfatória, com duas ramificações ao mesmo tempo, para as mesmas finalidades. Coube ao Padre Giraud de La Salette elaborar um novo Plano, que também não obteve sucesso, por causa das mesmas incompatibilidades dos Planos anteriores. O mencionado Superior achou por bem renunciar ao Cargo, para que suas idéias não fossem causa de obstáculo no direcionamento da Comunidade.

O Mons. Foca, que foi Bispo das Missões na França e acabara de ser eleito Bispo de Grenoble, apelou para que os Padres deliberassem entre si, sobre uma melhor organização para a vida e a obra dos religiosos. Coube ao Padre Achier, sucessor do Padre Giraud elaborar uma Regra que definisse o rumo da

Congregação. O resultado do novo Projeto foi a deliberação do rumo ativo e missionário para a Congregação, para que, desta forma, tivesse a possibilidade de expandir-se para outras Dioceses.

O Padre João Berthier, que participou da elaboração do Projeto como Conselheiro, contribuiu para a Fundação da Casa de Formação, que organizou e dirigiu as Escolas Apostólicas, que correspondiam ao Ensino de Primeiro e Segundo Graus à época, que se identificavam ao Estudo Clássico. A idéia de uma Casa de Formação própria foi bem aceita pelos confrades.

Apesar das dificuldades normais que cada Fundação traz consigo, Padre Berthier e seus cooperadores sentiram dificuldades pelas muitas ocupações que não podiam abandonar. No entanto, a Escola foi fundada no monte de La Salette, com o objetivo de recrutar jovens católicos, para lhes dar uma formação cristã e religiosa conforme sua idade. A proposta para o alunado era passar, de forma rápida, pelos diversos Cursos, como Línguas, Ciências e Matemática, mas com uma formação espiritual sem intervalos. Não tiravam férias em casa, a não ser por motivos especiais; mas, por outro lado, dava-se liberdade, para que durante ou no final do Curso, o aluno decidisse se voltaria à vida normal, ou se decidiria pelo Sacerdócio, ou ainda pela Vida Religiosa. Estas propostas suscitaram muitas objeções nos ambientes eclesiásticos. Padre Berthier respondia, sempre fundamentando nas Escrituras, cujas passagens dos Evangelhos falam sobre a vocação missionária, que supõe o espírito de sacrifício, abnegação e renúncia, bem como nos teólogos, Santo Tomás de Aquino e Suarez, para explicar o ideal que ele e seus confrades tinham, que consistia em iniciar os alunos não somente na teoria, mas também na prática do estudo religioso para as missões. A Escola Apostólica começou no dia cinco de agosto de 1876, no monte de La Salette com apenas quinze alunos e três jovens

padres, que ali fizeram seu noviciado e foram nomeados professores. Perto de Corps, no caminho para Grenoble, uma granja e albergue dos Padres foram reconstruídos para ser a Casa de Estudo. A Escola Apostólica se desenvolveu rapidamente e, no fim de 1877, já contava com trinta estudantes, iniciados nos Estudos Clássicos. A partir daí, todos os anos entrava uma turma no Noviciado, que era o período de aprendizado de um estudante ao submeter-se a uma Ordem Religiosa.

Os padres tinham uma outra tarefa: a Fundação de um Seminário Maior ou Escolasticado, onde os estudantes após o Noviciado pudessem continuar os Estudos Maiores. Este Projeto teve que enfrentar uma nova situação política na França.

O governo anticlerical do Ministro Fery decreta medidas contra as Congregações em 1880, privando de seus lugares, no Conselho Superior de Instrução Pública, os membros nomeados pelos religiosos e deixando de reconhecer as Universidades Católicas. Outros Decretos surgiram, determinando a expulsão dos jesuítas da França, e dando prazo às outras Ordens para requererem o seu reconhecimento pelo Estado. Estabeleceram a dissolução de todas às que se negassem a tais reconhecimentos. Por causa destas medidas, os missionários de La Salette transferiram o Seminário Maior para um lugar mais seguro. Estabeleceram-se em Leuk-Suste, no cantão Wallis na Suíça. O Padre Berthier e seus confrades alugaram ao barão De Werra um castelo com uma granja anexa, e rodeada de extensos campos. Em 1881, os missionários iniciaram uma nova história em Leuk-Suste.

A Comunidade de Suste, depois de um difícil começo, desenvolveu-se nos moldes da Escola Apostólica da França, para os iniciantes do Ensino Clássico. Em

1884, houve as primeiras Ordenações na Capela do Antigo Castelo como resultado dos primeiros candidatos à Vida Religiosa. O Padre Berthier também se preocupou com as vocações nacionais. Com permissão dos Superiores da Ordem e do Governo Local, abriu numa parte do Castelo uma Escola Apostólica para os alunos suíços, cuja finalidade era a mesma, introduzir os alunos aos clássicos. A maior parte dos alunos veio da parte da Suíça que fala alemão e, em poucos anos, chegou a 75 alunos. Muitos alunos após aprenderem o Francês foram embora. A Escola desapareceu por alguns anos a partir de 1892 para ressuscitar anos depois.

Em abril de 1888, o Padre Berthier, juntamente com os Superiores, visitaram Roma e o Papa Leão XIII. Os religiosos aproveitaram a viagem para tratar do futuro da Congregação. Os vários e sérios assuntos tratados em Roma foram passos oficiais para conseguir da Santa Sé a aprovação da Congregação. Neste mesmo período, o Padre Berthier pediu renúncia do Cargo de Superior da Ordem, e de Diretor Geral do Escolasticado (correspondia ao estudo de Filosofia e Teologia, voltado para Santo Tomás de Aquino) e da Escola Apostólica (que eram os Ensinos Fundamental e Médio de hoje). Os motivos alegados foram vários, como por exemplo, o acúmulo de tarefas e o desejo de que os seus confrades jovens pudessem caminhar com as próprias pernas, levando adiante a obra missionária; em falar do seu trabalho nas missões em La Salette e de seus livros; de forma que, como Superior, estava, muitas vezes, ausente da vida comunitária. Além desses motivos, pode-se supor que houve algumas discordâncias, por parte dos outros confrades acerca da organização e funcionamento da Vida Acadêmica. Entre elas, pode-se citar a redução dos anos de Estudos na Escola Apostólica em apenas três anos. Acrescente-se a isso também, desacordo com os trabalhos manuais

exagerados, que os alunos realizavam durante os anos reduzidos de estudo, e a demasiada facilidade de admitir novos estudantes.

Os próprios membros da Congregação de La Salette reconheceram as falhas existentes na formação dos futuros sacerdotes. Essas falhas residiam na redução dos anos da Formação Científica, Línguas e Matemática, bem como nos Estudos Filosóficos e Teológicos em apenas oito anos, que eram insuficientes para uma boa formação para o sacerdócio. Esta era a realidade daquele tempo nas Escolas Suíças, cuja lacuna era uma preocupação constante na vida da Congregação.

O Escolasticado foi transferido para Roma em 1896, quando começou um período novo. Percebeu-se que o trabalho iniciado em Corps e em Leuk-Sust não foi totalmente em vão, prosperou com resultados favoráveis às necessidades da Igreja. A Escola ofereceu à Igreja mais de cem sacerdotes e desse modo, a Congregação duplicou e podia realizar fundações em outras Dioceses.

O Padre João Berthier tinha em mente o propósito de acolher todos os vocacionados, que não dispunham de meios necessários para a Formação. A falta de meios financeiros não deveria desviar da Igreja os possíveis sacerdotes e impedi-los de realizarem os seus Estudos, mesmo, dando-lhes liberdade para optarem ou não pela vida religiosa, porque era esse o ideal de Padre Berthier.

As experiências missionárias do Padre Berthier nas diversas Paróquias contribuíram para detectar os problemas das Comunidades Locais. Por exemplo, o problema vocacional, ou seja, os vocacionados que não dispunham de meios financeiros, os rapazes que gostariam de ser sacerdotes e missionários, ou ainda os que, por causa da idade, não tinham a possibilidade de ser admitido nas casas de estudo existentes. Naquela época, a admissão nas escolas para pessoas fora da

faixa de idade era difícil, sobretudo para os que tinham mais de vinte anos a dificuldade era naturalmente maior. Estas “vocações tardias” ou talvez “vocações atrasadas ou adiantadas” deveriam ter à sua disposição bastantes meios para encaminhá-los aos Estudos Preparatórios, e em seguida fazer seus Estudos Superiores para o Sacerdócio. Esta era a grande preocupação de Padre Berthier que não o deixava em paz. Não era possível deixar, sem aproveitar, tanto idealismo e boa vontade para o Apostolado de que o Mundo tanto necessitava. O desejo de Padre Berthier foi mantido firme, apesar dos impedimentos e discordâncias entre os próprios confrades. As “vocações tardias” não deveriam ser desprezadas, nem tampouco vistas como objeções as vocações de jovens de doze a quatorze anos de idade, como ocorrera ao Padre Berthier na sua caminhada.

Sabe-se que em muitas partes da Europa, no final do século XIX, foram fundados vários Seminários para as chamadas “vocações tardias”, como por exemplo: na França, Itália, Espanha e posteriormente na Holanda. Tudo porque a situação na Europa era de muita dificuldade, em consequência das duas Grandes Guerras Mundiais e em consequências ainda da Revolução Francesa. Padre Berthier tinha em mente a idéia de que se poderiam alcançar resultados satisfatórios com as “vocações tardias”.

Na história da Igreja, há muitos exemplos de “vocações tardias”, o Padre Berthier não seria o primeiro, nem o único. No século XIX, podem-se encontrar exemplos em Santo Inácio de Loyola e São Camilo de Lelis, que aos trinta anos ainda se sentaram nos bancos de estudo. E também mais tarde Adolfo Kolping, o apóstolo dos operários, que antes era sapateiro, e mais tarde Vigário Geral de Grenoble; o Santo Cura d’Ars e outros. Além destes, Padre Berthier conhecia as experiências missionárias do Padre Albéric de Foresta, que almejava aumentar o

número de missionários e constatou que um bom número de vocações se frustrava logo no começo, por serem pobres. Outros, como São João Bosco, que fundou na Itália sua “Obra dos Filhos de Maria, Auxiliadora dos Cristãos”, para as “vocações tardias” Na própria França, por volta de 1890, já existiam Casas de Formação para vocações maduras e pobres.

Na mente de Padre Berthier, começou a amadurecer um plano que pudesse ajudar a resolver problemas das “vocações tardias”, pela Fundação de um Instituto Especial, indispensável para se alcançar o Sacerdócio. Assim se teria expressado o Padre Berthier no seu último testamento espiritual, “é uma obra boa por excelência quando se oferece uma possibilidade aos jovens católicos: soldados, operários, camponeses, para realizar seu ideal de ser missionário desejado desde a sua infância”.¹

As convicções do Padre Berthier eram fundadas sob as inspirações das palavras de Maria no monte de La Salette, bem como as exortações do Papa Leão XIII. Em 1880 foi editada a Encíclica “Sancta Dei Civitas”,² sobre a associação da propaganda da fé. O Papa chamava a atenção sobre as necessidades das missões e, sobretudo, quanto à falta de missionários. Assim disse o Papa Leão, “as crianças pedem por pão, mas não há ninguém para parti-lo. Os campos da colheita estão dourados, sim duma colheita abundante, mas os operários são poucos, enquanto em breve talvez haja menos ainda”. Esta exortação chamou a atenção dos Bispos, a fim de apoiarem de maneira zelosa as Missões. Palavras que impressionaram profundamente o Padre Berthier. Um outro escrito papal que fortaleceu o estímulo do Padre Berthier foi a Carta Apostólica “Praeclare gratulationis”,³ sobre a unidade da

¹ BARNHOORN, H. J. *Sacerdote para o povo*. Recife, 1995. p. 82, Monografia.

² Santa Cidade de Deus.

³ Proclamação da Graça.

fé. O Breve Apostólico “Neminem fugit”⁴, de quatorze de junho de 1892 foi decisivo para os planos do Padre Berthier, porque tratava da devoção à Sagrada Família tão importante para o religioso, que serviria de patrono para a futura Congregação, que desejava fundar. A nova Ordem deveria fomentar a Vida Religiosa, ou seja, através da abnegação de si mesmo e do espírito de sacrifício por meio da prática dos “conselhos evangélicos”. Os planos do Padre Berthier mais uma vez foram negados pelos Superiores da Congregação, o Padre Achier e os demais confrades conselheiros e professores da Escola Apostólica. As divergências eram por causa das interrupções das missões nas Paróquias, bem como sobre a questão da Formação já conhecida como deficitária. Os religiosos de La Salette conceberam de forma impropriedade a criação de uma nova obra, até porque logo no início, a própria Congregação que pertenciam não funcionou segundo uma Regra bem definida, somente mais tarde, que se definiu a linha específica da Ordem religiosa, que foi o ramo ativo que é o apostolado. Por isto, um novo empreendimento dentro dos quadros da própria Congregação era perigosa, porque poderia cair nas mesmas indefinições do início da mencionada Ordem Religiosa, agravando as discordâncias e teria de enfrentar a burocracia por parte da Igreja, para a legalização.

O ideal seria a criação de um Instituto Internacional que congregasse jovens de todas as partes do mundo, essa era a convicção de Padre Berthier, que nunca iria abandoná-la. Seus pensamentos se dirigiam para um novo Instituto Independente, uma Congregação especial para “vocações tardias”.

Padre Berthier decidiu pôr a futura Congregação sob a proteção da Sagrada Família. A Ordem surge para atender às “vocações tardias”. A idéia era de unir jovens de distintas nacionalidades em vista de fins comunitários, ou seja, da

⁴ Nenhum fugiu.

formação de um Núcleo de Estudo e Preparação para o atendimento das necessidades missionárias no Mundo. O estilo de vida adotado era a vida oculta, a vida humilde, abnegada e obediente, bem como o trabalho, a oração e a unidade. A vida da Sagrada Família deveria ser o exemplo para os sacerdotes e estudantes. Uma vida afastada do mundo que propiciasse o desenvolvimento das virtudes, como a pobreza, a obediência e a castidade, que fossem o fundamento para o Apostolado.

De início, a preocupação seria com a Formação, a partir do Núcleo já existente, para que se fundasse o mais rápido possível, a primeira Casa de Formação. Com esse intento, acreditava-se que o Projeto cresceria e prosperaria, à medida que as experiências fossem consideradas satisfatórias, para encarregarem-se da Formação dos outros, e conseqüentemente, construiriam Casas de Estudos em outras regiões católicas e em outros países.

Para as novas fundações, o critério estabelecido pelo Núcleo Inicial, que era a primeira Comunidade, seria a escolha de regiões onde houvesse o espírito de fé e a presença de numerosas famílias, capazes de oferecerem as esperanças para as vocações sacerdotais e missionárias. Com estas finalidades poderiam aceitar as missões e colocar os missionários formados à disposição de Roma, bem como a pregação de missões populares e a pedido dos Bispados locais poderiam assumir Paróquias. Mas continuava como prioridade a qualquer Apostolado, a Formação das "vocações tardias", cuja tarefa é a principal para a nova Congregação da Sagrada Família.

Esses esclarecimentos conseguiram convencer os demais confrades e teve a adesão do Padre Archier, o Superior, e dos demais Conselheiros, que anteriormente concebiam improcedente uma nova Fundação, convencidos de que era importante para atender as necessidades das Missões Estrangeiras.

O primeiro passo para a realização da Obra Missionária era a aprovação por parte de Roma. Para se conseguir a aprovação do Papa, era preciso a intermediação de um prelado influente e por isto, foi necessária a proteção de um Cardeal da Igreja que pudesse ajudá-lo com sua influência. Padre Berthier se dirigiu ao Arcebispo de Reims, o cardeal Benoit-Marie Langénieux para intermediar o pleito junto à Sé Apostólica. Após a exposição do Plano ao referido cardeal, Padre Berthier pôde contar com o prelado que se mostrou interessado e prontamente colocou-se à disposição para falar com o cardeal Secretário de Estado do Vaticano.

O Padre Berthier teve que interromper um Capítulo de sua Congregação para viajar a Roma. O Capítulo era a reunião dos membros da Ordem Religiosa de La Salette, para a escolha do Superior e dos Conselheiros. Em Roma, Padre Berthier foi recebido pelo Secretário de Estado, o cardeal Rampollo em treze de novembro de 1894, ao qual expôs os seus propósitos, já conhecidos pela intermediação do cardeal Langénieux. Esses propósitos já eram preocupações antigas da Igreja, no que se refere às situações das Missões no Mundo. No dia seguinte ao encontro, Padre Berthier enviou a Roma o seu pedido por escrito, antecipando agradecimentos pela acolhida do novo Projeto. Na audiência do Papa Leão XIII com o cardeal Secretário confirmou-se o desejo de Padre Berthier. O papa se mostrou totalmente favorável e recomendou apoio e zelo pelo empreendimento importante para o momento histórico da Igreja, que consistia no trabalho pelas "vocações tardias", fim prioritário da nova obra.

Em carta do cardeal Secretário ao novo Superior da Congregação de La Salette, Padre Chapuy, foi comunicada a aprovação da Fundação por parte do Papa, a vinte e cinco de novembro de 1894. Por sua vez, o Superior comunicou em seguida a notícia a Padre Berthier, que também tinha recebido o comunicado oficial.

O desejo de Padre Berthier era estar totalmente disponível para a sua nova Fundação, mas atendendo ao apelo dos seus Superiores foi eleito no Capítulo, como Assistente e Monitor da Ordem a que ele mesmo pertencia.

Foram elaboradas novas Constituições pelo próprio Padre Berthier para a Fundação. As Constituições eram o conjunto de Normas Reguladoras da nova Instituição Religiosa. As diretrizes foram inspiradas nas Regras dos jesuítas, como a vida de estudo, a oração e o trabalho manual, sem se distanciar da preocupação com as "vocações tardias", a exemplo da Sagrada Família. Em seguida, o Superior concedeu permissão para se ir à procura de candidatos, porque esse era o fim da nova obra. Sob as bênçãos de Deus e algumas somas financeiras de herança paterna, Padre Berthier pode planejar suas viagens e procurar uma Casa no Exterior, para alugar ou se possível comprar, sem fazer dívidas que viessem a comprometê-lo, como também à Congregação.

A Congregação de La Salette parecia não estar satisfeita em perder o Padre Berthier, para que fosse fundar uma nova Congregação. As divergências passaram ser vistas naturalmente como humanas, até porque a Congregação dependia dos conhecimentos e boas relações do Padre Berthier. Por outro lado, Padre Berthier tinha toda consciência da importância da nova Fundação, sob o aval do Papa para as realidades do momento. Mas nunca desejou romper com sua Congregação, porque seria para ele uma grande infidelidade, apenas considerava sua Missão de fundador, como um desdobramento ininterrupto de seu Projeto de vida como missionário, porque esta era a sua vocação.

Em uma carta do cardeal Langénieux a Padre Berthier em vinte de dezembro de 1894, ficou explicitado o apoio de Roma ao empreendimento da Fundação para as "vocações tardias", cuja interpretação por parte da Congregação

era de que não se podia desprezar as orientações apresentadas pela autoridade papal com tanta decisão.

O Conselho da Congregação de La Salette, portanto, autorizou ao Padre Berthier a dedicação a um Instituto para “vocações tardias” em favor das Missões Estrangeiras, porque entendeu que era uma Fundação já desejada pelo Papa e pelo cardeal Langénieux. A esta altura, as Constituições já estavam elaboradas para as devidas apreciações de Roma e que assim, o Instituto fosse adequado ao estilo de vida religiosa propriamente dito.

1.2 Fundação

A preocupação passou a ser o local adequado onde seria construído o novo Instituto. Os problemas políticos e a intolerância religiosa na França deslocaram o Padre Berthier para a Holanda, que pode contar com o apoio financeiro de amigos e benfeitores estrangeiros.

No fim de janeiro de 1894, Padre Berthier viajou de Reims para Tilburg, onde não somente o esperavam seus amigos, como também o inverno holandês. Na sua bagagem trazia consigo dois documentos selados e assinados pelo cardeal Langénieux: o primeiro continha a aprovação do Instituto para “Vocações tardias”, que Sua Eminência ao mesmo tempo recomendou aos Bispos, Superiores de Seminários e fiéis; o segundo, continha a aprovação das Constituições. Na audiência com o Bispo Mons. Van der Ven da Diocese de s’Hertogenbosch apresentou também a autorização dos seus Superiores. Um dos amigos holandeses, o senhor Brouwers, ficou encarregado de procurar uma acomodação apta para a Fundação dentro da Província de Noord-Brabant. Sem lograr êxito de início, Padre



Berthier foi informado por sacerdotes da região de que, em Grave, havia muitos prédios militares abandonados e que poderiam ser conhecidos melhor.

Da pequena cidade de Grave, ao lado do Mosa, Padre Berthier foi informado positivamente pelo prefeito da cidade, o senhor Friesen, de que existiam realmente muitos prédios abandonados em Grave, inclusive dois prédios militares desde 1892, que gostariam de se livrar deles. Padre Berthier de imediato adquire os prédios e os terrenos públicos, através de contrato privado, para o início da Obra Missionária, sob a proteção da Sagrada Família. Já com a permissão oficial por parte da Diocese Local, Padre Berthier enviou artigos e propagandas aos diversos periódicos da França e da Europa, falando da necessidade das Missões Estrangeiras e possibilitando o ingresso das "vocações tardias", no novo Instituto recém-fundado em Grave. Apelava para a colaboração do Clero e dos leigos e mostrava, claramente, que contaria com doações espontâneas.

Os dois prédios adquiridos, um velho quartel e um Hospital militares foram logo reformados e adequados à condição de Casa de Formação, graças às ajudas recebidas dos benfeitores da obra. Padre Berthier tinha em mente a expansão e o crescimento da obra, denominada de "Missionários da Sagrada Família", cuja finalidade era atender às Missões Estrangeiras.

Os primeiros anos da Fundação foram difíceis. Mas o que animava Padre Berthier a seguir com esperança era o número de pedidos de admissão, que chegavam de várias partes da Europa, principalmente da Alemanha. A partir dessa experiência, foi constituído o primeiro Núcleo de Estudantes no decurso dos anos de 1898-1899. É curioso notar que a Alemanha daria o maior número dos estudantes a um fundador francês em Grave, cidade holandesa. Padre Berthier seguia de longe, com atenção o tenso decorrer dos acontecimentos e o progresso do anticlericalismo

na França, mas encorajado e seguro se sentia na pequenina cidade holandesa, da Diocese de s'Hertogenbosch.

Padre Berthier tinha a intenção de fundar, além dos Missionários da Sagrada Família, também, uma Congregação Religiosa para Mulheres. Para isto, já tinha composta uma resumida Constituição Provisória, e que, trazia anexa como uma espécie de suplemento ao livrinho da Regra dos Missionários e aprovada pelo cardeal Langénieux. Padre Berthier as chamava de "Irmãs Coadjutoras da Sagrada Família, cuja finalidade era em primeiro lugar, a santificação pela prática dos votos, em seguida, prestar ajuda aos Missionários da Sagrada Família, que consistia em conseguir fontes para ajudar na formação; fazer os trabalhos nos diversos estabelecimentos dos missionários e serem benfeitoras do Instituto para a "vocações tardias". Este Instituto Feminino tinha certa autonomia no que diz respeito às questões de direção, por serem elas mesmas eram responsáveis pela organização e a vida religiosa conforme os votos que professavam. Mas, por outro lado, dependia da Congregação masculina, no que diz respeito ao direcionamento espiritual e a assistência das celebrações sacramentais como capelas das irmãs. O Instituto feminino foi importante porque ajudou a consolidar a Congregação Masculina na administração e finanças. Essas mulheres largaram tudo para se dedicarem à Vida Religiosa como verdadeiras colaboradoras da Obra Missionária em Grave.

As primeiras experiências do Noviciado, através da eMissão dos votos temporários, ocorreram no dia quatro de outubro de 1900. O empreendimento missionário de Grave começava a dar os seus primeiros resultados, cujos noviços constituíam um grupo de franceses, alemães e suíços. A obra vai-se consolidando por causa do número dos alunos que aumenta ano a ano. Depois dos anos iniciais, a Casa de Estudos contava, em 1901, com 53 alunos, dos quais 43 estudantes,

quatro noviços e seis filósofos. Quase todos não podiam pagar a pensão, mesmo assim o ecônomo administrava de tal forma que sempre se pensava em novas admissões.

Com crescimento da Fundação e dos seus membros, Padre Berthier continuava com o seu idealismo, passando a preocupar-se com a Ordenação Sacerdotal dos estudantes. Continuava em sua mente o desejo de ter, em sua Congregação, Padres para as Missões Estrangeiras e para a Vida Religiosa. Roma mais uma vez é um obstáculo. Após várias tentativas de apelações de licença para a Ordenação Sacerdotal dos alunos, foi concedida pela Sé Apostólica a possibilidade dos candidatos serem ordenados por Bispos Diocesanos, que os acolhessem em suas Dioceses. Deste modo, poderiam desenvolver trabalhos pastorais nas Paróquias e Comunidades menores. Padre Berthier contava, neste sentido, com o apoio do Bispo Mons. Adelard Langevin O.M.I., da Ordem Maria Imaculada, que era o Arcebispo de Saint-Boniface no Canadá. O Arcebispo visitou Grave com interesse de ter novos sacerdotes em sua Arquidiocese. Como os futuros sacerdotes teriam que ficar por alguns anos, nas Casas de Formação após as Ordenações, as negociações com o Prelado não deram o resultado esperado, porque o Arcebispo alegava necessidades urgentes, para o trabalho pastoral em sua Diocese e que esperar ainda cinco a seis anos era demais e não podia. Já Padre Berthier apresentou como exigência a permanência nas Casas de Formação, por alguns anos, para primeiro consolidar a Ordem.

Padre Berthier insistiu e voltou apelar a Roma, justificando que a Obra somente se consolidava com as primeiras Ordenações. O resultado desta vez foi positivo, por causa da intervenção e interesse do cardeal Langénieux. No dia onze de fevereiro de 1905 a Sé Romana concedeu a permissão de ordenar vinte

candidatos. O prelado holandês Mons. Van der Ven comunicou a notícia ao Padre Berthier, que junto aos seus alunos comemorou com celebração de "Te Deum", (celebração de ação de graças em ocasiões especiais do Cristianismo). Esta celebração significa louvor e gratidão a Deus pelas graças recebidas, o que ocorreu na Comunidade Missionária de Grave, por causa da autorização da Ordenação dos primeiros alunos, motivo pelo qual comemoraram festivamente.

De junho a agosto de 1905, os estudantes receberam no Seminário Maior em Haaren, na Holanda, as Ordens Menores, que são os Primeiros Ministérios Sacros que antecedem a Ordenação Sacerdotal. Na mesma ocasião, três teólogos foram ordenados Sacerdotes em Lovrine. Esses foram os primeiros resultados do empreendimento missionário em Grave. A partir de então, todos os anos seguiam novas Ordenações, enquanto o número dos alunos aumentava visivelmente, de forma que, o amplo quartel de antes se tornou pequeno para as hospedagens. Em outubro de 1907, alguns padres e um grupo de estudantes foram morar numa outra residência em Grave; era uma antiga tinturaria, a nova residência foi dedicada a Nossa Senhora de La Salette, em homenagem aos sessenta anos da aparição da Virgem em La Salette, na França.

O Projeto apresentado ao Papa Leão XIII em novembro de 1894 continha três etapas: A primeira etapa se consolidou com as Ordenações Sacerdotais, que foi o resultado da Fundação em que um grande número de candidatos de várias nacionalidades foram admitidos. Agora, seria a vez da segunda etapa, para assegurar o futuro da Obra. Essa segunda etapa consistia na Fundação de várias Casas de Estudo, em regiões e países com muitas vocações sacerdotais. Enquanto que, a terceira etapa consistiria no envio de missionários para as diversas partes do Mundo, segundo o mandato e a indicação da Sé Apostólica.

Os primeiros resultados foram publicados na Revista Mensal "O Mensageiro da Sagrada Família", editada em francês, alemão e holandês pelo próprio fundador, que ainda considerava insatisfatórios os números apresentados, em relação às necessidades missionárias e, sobretudo, às "vocações tardias". O pensamento do fundador da Obra missionária era intensificar a política de Fundação de novas Casas em diversos lugares católicos, como por exemplo: na Suíça, na Áustria, na Boêmia, em Liechtenstein e na Polônia Russa. Para isto, além dos anúncios nos periódicos, os contatos com amigos e as correspondências com autoridades eclesiásticas e civis foram decisivas para o incremento da segunda etapa da Fundação missionária da Sagrada Família.

Os planos e Estudos de Padre Berthier ultrapassaram os limites do sudeste da Europa, porque, através do estudo contínuo do mapa mundial, sempre teve em mente o desejo de estender ao Mundo Inteiro a sua Obra Missionária. Não lhe foi dada a possibilidade de continuar com suas tentativas de expansão da Obra, porque faleceu aos dezesseis de outubro de 1908.

1.3 Organizações e Adeptos

A Fundação Religiosa de Grave rapidamente cresceu em números de pedidos de admissão. As propagandas nos diversos periódicos da Europa teriam despertado a curiosidade e o interesse das chamadas "vocações tardias" pelo ideal missionário. Até o ano de 1903 o número de adeptos já era considerado significativo para a Congregação. Em apenas oito anos o número chegara a mais de mil pedidos de admissão, foi preciso haver uma pequena pausa no ininterrupto trabalho do fundador.

Padre Berthier tinha razão de vislumbrar um futuro para seu Instituto, que estava crescendo, mas contava com sua morte prematura, por causa da saúde frágil. Era preciso assegurar o mais possível este futuro. Para tanto, tomou várias medidas para prevenir as dificuldades que poderiam surgir, caso a morte o surpreendesse. Através de documentos e testamentos destinados a prelados e amigos, teria feito várias propostas para assegurar a continuidade da Formação Científica e Espiritual, bem como da Ordenação dos futuros missionários, na hipótese de que a Congregação com a sua morte, não fosse capaz de cuidar de si própria. Esperando isto, o fundador achou necessário já tomar medidas provisórias para o governo da Congregação. Com a autorização de Roma, realizou em outubro de 1903 o primeiro Capítulo Geral, para se compor a nova Direção. Destas eleições participaram todos os estudantes e professores. Nela escolheram o Vicário, que é o religioso, cuja função se exerce em lugar do outro e sucessor; bem como quatro Conselheiros.

A partir dessa organização, a Fundação floresceu e o número de seus membros, após as primeiras Ordenações de 1908, contava era de vinte e cinco sacerdotes e cento e trinta e sete aspirantes ao Sacerdócio.

O que caracterizou o estilo de vida desses religiosos foi a experiência de uma vida pobre e laboriosa, que exigia muita coragem. Todos se tratavam como irmãos e tinham como regra não falarem mal das famílias e da pátria dos outros, porque todos são filhos da mesma Mãe.

A experiência em Grave era um mundo cercado. O mundo parecia um espanto para alguém, que saísse lá para fora, era tímido e desajeitado. A modéstia com que os estudantes e professores da Congregação se comportavam em público, tornou-se proverbial em Grave e nos arredores. Na Ação Formadora, o pai espiritual

desta Comunidade fechada, tinha sempre na mente a Sagrada Família. Na Comunidade, reinava a piedade, a laboriosidade e o amor mútuos. O fundador ensinava que essas virtudes firmes eram a base de toda organização de vida apostólica e de recolhimento, por causa do espírito de sacrifício. Um dos ex-alunos afirmou: "Para mim, é totalmente incompreensível, como nós vivíamos simples como crianças. Com certeza formamos uma ilha na vida e na atividade do mundo ao nosso redor. Em tudo estávamos voltados para o sobrenatural. O restante não nos importava. Os sacrifícios que esta vida exigia, foram feitos sem esforços... mesmo que por causa disto ficássemos alheios ao mundo, estávamos bem e felizes".⁵ Assim, não se podia melhor caracterizar a intensa vida do período inicial da Congregação. Foram unânimes os depoimentos posteriormente expressados pelos membros e ex-membros dessa Congregação, caracterizando o essencial que era o estilo de vida introduzido em Grave.

O sucessor de Padre Berthier foi Padre Jose Carl, que juntamente com seus Conselheiros se encontraram diante de uma tarefa difícil por causa da morte do fundador. Mas, mesmo que se considerasse fundador insubstituível, as suas intenções não eram obscuras, tanto em relação à vida de sacrifício dos seus seguidores, como as suas atividades apostólicas.

Os mesmos princípios do começo da Fundação deveriam ser continuados pelos futuros seguidores da Congregação.

A expansão para o exterior não tardou muito tempo. A primeira Casa Apostólica fora das fronteiras da Holanda foi fundada no ano de 1909, em Werthenstein, cantão Luzern, na Suíça. Uma segunda seguiu em 1910, em Wacken, perto de Thielt, em Flandres Oeste, donde, por causa da falta de espaço, já em 1912

⁵ BARNHOORN, H. J. *Sacerdote para o povo*, p. 118.

se mudaram para Surice, perto de Dinant. A Guerra de 1914-1918 pôs fim a esta primeira Fundação na Bélgica.

As duas Casas em Grave tornaram-se pequenas para acolher a quantidade de estudantes que crescia rapidamente. No início da primeira Guerra Mundial, a Casa Filial "Notre Dame" que se iniciou com trinta alunos em 1907, já contava com mais de duzentos, por isto, em 1913, transferiu-se como Seminário Maior da Congregação para Goirle-Nieuwkerk, perto da fronteira com a Bélgica. Em 1915 foi aberta uma nova Escola Apostólica em Kaatsheuvel para os estudantes holandeses.

Os padres franceses, por causa das ações de guerra, emigraram da Bélgica para um refúgio provisório em Saint-Etienne-Valles-Francaise e, em seguida, para La Tour, perto de Salès na França. Em 1919 conseguiram abrir casas em Ceilhes (Hérault) e em Manissy (Gard), pátria do fundador.

Terminada a guerra, a Alemanha foi muito prejudicada por causa da desvalorização de sua moeda. Mas, por outro lado, a Fundação de Casas na Alemanha encontrou agora mais agilidade e solução. No fim de 1919, abriu-se: em Oberhunden, na Westfália a Escola Apostólica "Sancta Maria", no mesmo ano em Leberhan, na Baviera; a Escola Apostólica "Sankt Kilian" e ainda, no mesmo ano, o Escolasticado "Maria Hilt", em Ravengiersburg, na Remânia, para o Ensino de Filosofia e Teologia. Pouco depois, seguiram Fundações em Wanne-Eickel (Westfália) e em Bierdorf (Remânia). A Fundação de Grave, iniciada de forma modesta, estava agora, em plena atividade expansionista.

Os padres polacos também se estabeleceram em sua pátria em 1921, em Wielun e em Kazimierz, e, nos anos seguintes, em diversas Áreas de Missão na Polônia em 1924, a Congregação entrou nos Estados Unidos da América do Norte

com uma Fundação em Bull-Dog-Lake (Minnesota) e, em seguida, em outras localidades dos U.S.A.

Em 1926, uma nova marca na História da jovem Congregação foi a experiência missionária em Bórneo. A parte sul e leste da ilha, que antes era administrada pelos capuchinhos holandeses, foi entregue aos Missionários da Sagrada Família. Da Fundação de Laham desenvolviam-se, no decorrer dos anos seguintes, dois novos Vicariatos Apostólicos, ou seja, duas Áreas de Missão, que foram confiados aos Missionários da Sagrada Família, eram localidades eram de difícil acesso, bem no interior da selva e na costa.

Os Missionários voltaram à Bélgica, de forma definitiva; em 1926 realizaram uma Fundação em Habay-la-Neuve; a esta seguiu-se uma na Áustria, onde, em 1929, administraram uma Paróquia com o Santuário "Maria-Elland", perto de Viena.

Em 1932, os Missionários da Sagrada Família estabeleceram-se em Semarang (Bangkok) e depois, também, em Pati, Kudus, Surakarta, Jogiakarta e Salatiga. Por causa desta expansão tão rápida, o Governo da Congregação, em 1936, tornou-se mais efetivo, pela divisão em cinco Províncias: a Francesa, a Alemã do Oeste, a Alemã do Leste, a Holandesa e a Polonesa.

Em 1938, foi fundada uma Casa de Estudo em Castion di Loria, na Diocese de Treviso na Itália, quando pela primeira vez a Congregação pisou em território Italiano. Neste mesmo ano, os Missionários Holandeses se instalaram no Chile em sete Dioceses, enquanto que, os padres alemães fizeram sua entrada na Argentina em 1942, onde começaram em 1947, as fundações de uma Casa de Estudo na Espanha, como uma ajuda para a Formação das novas forças para a Argentina.

Já da Província Suíça, os missionários foram à Etiópia, Madagascar e restante da África. A Segunda Grande Guerra trouxe conseqüências desastrosas

aos missionários da Sagrada Família, causando mortes e desaparecimentos entre os seus membros, principalmente na Alemanha do Leste e Oeste com a expulsão da Congregação, como também grandes perdas na Província Polonesa. Também sofreram provações os missionários da Indonésia e de Java nos campos de concentração japoneses.

Com o fim da Guerra, a Congregação tentou novamente reorganizar-se. O Governo Geral da Congregação abandonou o Antigo Quartel em 1957 e estabeleceu-se numa nova Casa Generalícia construída em Roma, enquanto que, a velha Casa-Mãe ficou sendo Sede Provincialdo Holandês. O Seminário Maior da Província Holandesa, o Escolasticado "Sint Johannes Berchmans", está em Oudenbosch. Na Holanda, além da Formação, os padres dedicaram-se às Paróquias. Também foram designados para trabalhar entre os não-católicos em Amsterdã, e segundo os testemunhos da época, lograram êxitos.

Conforme os dados estatísticos de 1959 da própria Congregação, os missionários estão presentes e organizados em quatro Continentes e estabelecidos em dezesseis países: na Europa: Bélgica, Alemanha, França, Itália, Noruega, Áustria, Polônia, Espanha e Suíça; na América: Argentina, Brasil, Chile e Estados Unidos; na Ásia: Indonésia; na África: Madagascar e Etiópia.

Pode-se perceber que, a Fundação iniciada em Grave tentou realizar os objetivos do seu fundador, porque após as etapas de formação e os cumprimentos das exigências da Ordem, expandiu-se e está presente no Mundo inteiro, desenvolvendo Missões e recrutando novas vocações. Tornar-se-ia impossível materializar em números precisos os colaboradores e seguidores dessa Congregação Missionária, como também as suas diversas realizações e iniciativas nos campos religiosos e sociais.

2. EXPANSÃO MISSIONÁRIA



2.1 Envio em Missão para a América Latina

Apesar da Guerra de 1914-1918, que prejudicou a política de expansão missionária, a Congregação não deixou de colocar à disposição da "Propaganda Fidei"⁶, os seus membros.

O substituto de Padre Berthier, o Padre Joseph Carl e o seu assistente, Padre Antonius Maria Trampe, ao visitarem o Papa Pio X em 1910, ouviram dele a preocupação com as necessidades missionárias das Áreas Díficeis da América Latina. Neste mesmo ano, o prelado de Santarém-PA, na foz do rio Tapajós no Brasil, Dom Armando Balam O.F.M., membro da Ordem Franciscana Menores, visitou o Superior Geral da Sagrada Família em Grave e lhe expôs a situação da imensa Prelazia, com um grande déficit de sacerdotes e a dramática condição religiosa naquela Área de Missão. O Superior Geral fez com ele um contrato de envio de missionários por dez anos.

O Superior Geral e o seu Conselho escolheram sete Missionários, dos quais cinco eram sacerdotes e dois irmãos. Segundo testemunhos dos contemporâneos, a despedida desses missionários para o Brasil, na casa "Notre Dame" em Grave no fim de 1910, foi um acontecimento festivo e muito impressionante. Partiram de Grave no dia dezanove de dezembro e chegaram a Pernambuco no início de janeiro de 1911. A finalidade da presença desses primeiros missionários era o encargo da pastoral de almas numa parte da Prelazia de Santarém, o que ocorreu em agosto do mesmo ano. Este Território Tropical do Baixo Amazonas foi considerado um local de

⁶ Propaganda Fidei: Congregação da Santa Sé, responsável pelas Missões no Mundo.

Missão Difícil, porque existiam muitos pagãos que ali viviam, como também estava sujeito às inundações periódicas e aos surtos de febres amarelas.

O grupo de sete missionários europeus recém-chegados ao Brasil foi recebido pelo Guardião do Convento de Santo Antonio, em Olinda, o Frei Boaventura Poll O.F.M., membro da Ordem dos Franciscanos Menores. Os missionários foram hóspedes dos franciscanos durante sete meses para se habituarem com a língua, o clima e os costumes brasileiros.

Os primeiros missionários do Brasil vindos de Grave eram: Padre Henrique Paulssen, holandês, 32 anos e Superior do grupo; Padre Alexandre Mertens, alemão, 38 anos; Padre Luiz Bechold, alemão, 30 anos; Padre José Maria Lauth, alemão, 31 anos; Padre Hermano Elsing, alemão, 25 anos; Irmão Boaventura, alemão, 32 anos; Irmão Francisco Ramm, alemão, 34 anos. Logo no início, apareceram os problemas de inadaptação, de tal modo que dois missionários, o Padre Alexandre Mertens e o Irmão Francisco Ramm, não suportaram a saudade e voltaram após dois meses para a Europa. Esses foram recebidos em Grave não com festa, mas como desertores. Um dos missionários ficou em Olinda para se tratar dos pulmões, enquanto que, os outros quatro restantes embarcaram rumo a Belém do Pará. De Belém tomaram a barca "Antonico" e aportaram no trapiche de Mazagão, em quinze de agosto de 1911. Mazagão pertencia à imensa Prelazia de Santarém e tornou-se o primeiro posto missionário da Sagrada Família. Um dos missionários, o Padre José Maria Lauth não resistiu e foi a óbito, sendo enviado o seu corpo para um lugar bem distante de Mazagão pelo prelado local.

Os outros três missionários chegaram a Mazagão e foram recebidos por um político local, o senhor Manuel Vicente Flexa, que os levou para sua casa. Em seguida, foram para a Casa Paroquial, mas sem as condições de abrigá-los,

alugaram na região uma outra casa. Nos primeiros dias, os Missionários foram logo infectados pela febre amarela, doença comum naquela região. Com menos de oito dias ficaram todos acamados, sem recursos e assistência de ninguém. Como a situação se agravou, os missionários pediram socorro e foram levados para o hospital da Santa Casa em Belém do Pará. O Padre Hermano Elsing que anteriormente foi hospitalizado recebeu os outros dois colegas no mesmo hospital. Logo que o Padre Elsing se recuperou, voltou para Mazagão na primeira semana de outubro, enquanto que, os outros dois permaneceram no hospital para serem recuperados. O Padre Luiz Bechold acabara de chegar de sua recuperação em Pernambuco e foi de imediato visitar os seus colegas no hospital.

Os missionários Padre Luiz Bechold e o irmão Boaventura, já recuperados, foram para uma nova área de Missão, de navio, para Cajary. Na viagem visitaram o Padre Hermano Elsing que já tinha voltado para Mazagão e estava em plena atividade, organizando a vida religiosa naquela região. Cajary era uma região abandonada também do ponto de vista religioso. Os dois religiosos começaram um trabalho missionário que atraiu muita gente, porque estava voltado para a catequese dos sacramentos da iniciação cristã, associações religiosas, irmandades e escola paroquial para a população carente. Os religiosos logo perceberam a esperteza do funcionário da firma Pereira Bessa, exploradora de borracha daquela região, que os havia levado até lá, mas com a pretensão de ficar com metade das espórtulas provenientes de batizados e casamentos lá realizados. Os missionários denunciaram de forma corajosa as atitudes ilícitas do funcionário, o qual tornou-lhes a vida quase impossível. O administrador determinou várias proibições para o povo, entre elas, a aproximação com os dois sacerdotes e da freqüência aos atos religiosos, negou-lhes o alimento e por fim, foram novamente atacados pela febre amarela. O povo da

região dependia da firma, sobretudo do ponto de vista econômico, mas apesar das restrições impostas dava às escondidas, pouco dos alimentos materiais que possuíam aos missionários enfermos. Quando os dois missionários se recuperaram visitaram a firma de Borracha, Pereira Bessa, foram surpresos porque o funcionário mal intencionado de antes, tinha sido punido e demitido do cargo de Administrador da Firma. Os Missionários foram bem remunerados pela Firma, como forma de recompensa, porque desejavam a permanência deles na região, já que não tinham os habitantes, assistência religiosa.

O trabalho era difícil, porque o território era imenso e as localidades de difícil acesso; o povo, na maior parte, era pagão e economicamente pobre. Além do que, os missionários, nessa etapa inicial de Missão não tinham nenhuma segurança de vida, nem tampouco assistência da Prelazia Local, que era uma Área de Circunscrição Jurídica, à frente da qual estava um Prelado responsável pelo trabalho missionário, ajudado agora pela própria Congregação. Não estavam, porém, definidas as condições de vida e o futuro dos missionários em terras estrangeiras.

O início da Missão dos religiosos da Sagrada Família em Terras Brasileiras foi marcado por dificuldades. Os missionários não tinham consciência das dificuldades e das diferenças culturais que existiam, porque foram preparados em uma realidade totalmente diferente, na Europa; tinham os conhecimentos das Ciências Humanas e Teológicas, mas não sabiam como inculturar-se, ou seja, assimilar valores diferentes e adequar-se a outras realidades. Também esses missionários não foram acompanhados, pois as distâncias dificultavam ainda mais a comunicação deles com seus Superiores e confrades.

Percebeu-se que os missionários eram entusiastas e idealistas, mas nunca tinham pensado nas conseqüências da Missão, porque estavam iniciando e não conheciam terras distantes.

A promessa e a esperança de que o Território Missionário do Norte seria da Congregação da Sagrada Família nunca se realizou, porque não houve entendimentos entre a Prelazia à frente do qual estava Dom Armando Balam, O.F.M e o Superior da Congregação em Grave, o Padre Joseph Carl.

Os missionários assumiram depois várias Áreas como: a ilha de Bailique, Tucumaré, Redenção e ilha de Santana. Essas Áreas formavam quatro Paróquias, que se tornaram um imenso território de difícil acesso. A partir de 1912, vieram da Europa novos missionários para desenvolverem as atividades religiosas e sociais nas Paróquias do Norte do Brasil.

O trabalho de organização de Paróquias era o método utilizado pelos missionários naquelas regiões e consistia na introdução dos moldes da Igreja de Crístandade, como na Europa, naquela época. A ênfase principal era na sacramentalização. Apesar de que muitos padres haviam se dedicado ao Ensino, à Formação Agrícola e à construção de casas.

No Amazonas, os missionários trabalharam de 1911 a 1948. O grupo foi composto de vinte e um religiosos ao todo, dos quais dezesseis padres e cinco irmãos. A Missão terminou naquelas regiões sem nenhuma definição, quanto ao território, sobre se passaria ou não pertencer à Congregação, porque as missões eram permanentes.

Do Amapá começa o êxodo para Belém do Pará. Belém era o pólo mais importante sob os pontos de vista econômico, político e religioso daquelas regiões do Norte do Brasil. Em Belém, os missionários trabalharam em Icoraci, Ilha de

Mosqueiro, Maracanã e Colares, regiões essas que só eram alcançadas depois de um dia de viagem de canoa, trem ou caminhão. Na Paróquia de Icoraci, os missionários estabeleceram-se a partir de 1948 e desenvolveram várias atividades religiosas: na administração dos sacramentos, na catequese e criação e assistência aos grupos de igreja, como irmandades, associações e ligas, porque esse era o modelo de Igreja de então, cuja inspiração doutrinária e pastoral era tridentina, ou seja, do Concílio de Trento, realizado em 1846-1878. Além dessas atividades de cunho religioso, eles exerceram a função de professores em colégios públicos ou por eles mesmos fundados. Nos outros lugares acima citados, o movimento religioso e social parece não ser também diferente do que foi em Icoraci.

O trabalho em Belém foi imenso e dava muitos resultados, o que compensou as frustrações do Amapá, na Prelazia de Santarém. Os Missionários da Sagrada Família trabalharam durante quarenta e quatro anos no Pará (1912-1956). Acredita-se que foi um período próspero e fecundo para o dinamismo da Igreja Local, porque, com a sua atuação, os missionários foram conhecendo melhor a realidade e adquirindo novas experiências no trato com o povo.

2.2. Chegada ao Nordeste e a Natal - Rio Grande do Norte

A presença e atuação dos Missionários da Sagrada Família no Recife-PE começaram na década de vinte, apesar dos Missionários terem chegado ao Brasil em 1911, porque antes o seu destino foi atender às necessidades missionárias do Norte do País.

O Padre Fernando Nolte assumiu o curato do Barro, através de nomeação do Bispo Local. Em seguida, no mesmo ano, instalou a primeira comunidade. A

Residência foi erigida oficialmente pelo Superior Geral da Congregação, com o título de "Residência Canônica de São José do Barro", no dia do Natal de 1922. O padre Muller foi o primeiro Superior dessa Comunidade e também Responsável pela Paróquia de Afogados.

Os religiosos adquiriram, em pouco tempo, duas áreas, que aos poucos foram construindo o atual Convento, com ajuda de amigos e benfeitores estrangeiros. O Recife foi importante, porque se tornou Sede do Escolasticado Internacional, naquele tempo, no período de 1937-1942. Foram muitos os estudantes vindos da Europa estudar Filosofia e Teologia no Recife neste período.

As primeiras Ordens Menores e Ordenações Sacerdotais ocorreram entre 1938-1939. Os primeiros sacerdotes foram: Padre Henrique Hennes e Padre Henrique Ollig Muller, ambos estrangeiros. Neste mesmo dia, em três de dezembro de 1939, o Bispo de Olinda, Dom Miguel de Lima Valverde, na Catedral, ordenou diáconos, treze Missionários da Sagrada Família. E assim sucessivamente foram realizadas várias Ordenações Sacerdotais, em Olinda e em Barreiros, Pernambuco.

Os Missionários trabalharam também em diversos lugares e em outras Dioceses, como: Bom Conselho, Escada, Amaraji, São Caetano, Moreno, Barreiros, Nazaré da Mata, Afogados da Ingazeira e outros lugares menos importantes. Eles desempenharam as mesmas funções que faziam alhures. No Recife, a Ação Católica foi assistida, por um tempo, pelos Padres da Sagrada Família. A Ação Católica foi importante, porque era o Setor do Espaço Social Católico que maior responsabilidade assumiu na participação ativa e transformadora dos católicos, nas lutas das Classes Dominadas do Brasil. Um dos Padres foi até "suspense de ordens", por causa das idéias avançadas para aquela época, em que Igreja estava voltada para a Cristandade e Romanização. Conforme a Crônica do Barro temos o

seguinte testemunho, "... os nossos padres continuam animando as confrarias religiosas, fazendo o trabalho pastoral, com muito zelo, o que agradava muito ao senhor Arcebispo de Olinda e Recife. Os Missionários da Sagrada Família foram construtores e reformadores de muitas igrejas e capelas, nessas regiões. Tínhamos, no Recife três capelanias. Pregávamos retiros; ensinávamos, no 2º grau e Universidade".⁷

Os missionários no Recife procuraram trabalhar dando continuidade aos ideais da Congregação. Apesar das divergências ideológicas da época, muitos se desgastaram na Missão da Igreja. Em 1941, a Congregação teve no Recife, a primeira baixa com a morte do Monsenhor João Starke.

A Congregação se encontra até hoje no Recife, que é a Sede Provincial para o Nordeste Brasileiro ou Brasil Setentrional, cuja denominação foi estabelecida pelos Superiores da Ordem.

Com a criação da Diocese de Floresta-PE, distante do Recife cerca de 550 Km, pelo Papa Paulo VI, cuja bula, "Qui secreto Dei", seja, Que segredo de Deus, a nova Diocese foi entregue aos Missionários da Sagrada Família em 1964. Na ocasião, foi nomeado o Bispo Dom Francisco Xavier Nierhoff, sagrado em Wieckede, na Alemanha, que tomou posse no dia seis de janeiro, Festa da Epifania do Senhor, no Calendário da Igreja, conhecida por Festa de Reis. A nova Diocese estava sob os cuidados dos Padres da Sagrada Família, em todas as suas Paróquias.

Durante vinte e oito anos, eles trabalharam nas Paróquias, escolas, capelas e hospital. A exemplo dos outros missionários, empenharam-se no trabalho apostólico voltado para o modelo tradicional de Cristandade e Romanização, cuja ênfase era a sacramentalização. Em algumas Paróquias, os seus vigários, por

⁷ ARQUIVO Provincial do Recife, p. 10.



ocasião da construção da Barragem de Itaparica, muito lutaram na dimensão sócio-transformadora, posicionando-se ao lado dos desinstalados e injustiçados, na tentativa de novos assentamentos das famílias transferidas das áreas a serem inundadas pelas águas da barragem.

Atualmente, a Diocese não está mais sob responsabilidade dos Missionários da Sagrada Família. Aos poucos os Padres foram sendo substituídos por diocesanos e religiosos das outras Congregações. Apesar das muitas dificuldades, houve muitas iniciativas e construções na Diocese daquele sertão pernambucano de um povo simples e humilde.

O primeiro contato com a Diocese de Pesqueira foi quando o Arcebispo de Teresina, Dom Severino suspendeu Padre Francisco Germens, no Piauí, e ele veio para a Diocese de Pesqueira, em Buíque, provavelmente no ano de 1926. A partir daí, os missionários trabalharam no Agreste Pernambucano, na cidade de Buíque. Lá funcionou uma Escola Agrícola e o Seminário Menor da Congregação. Também atuaram na cidade de Tupanatinga, perto de Buíque, onde permanecem até hoje, desenvolvendo trabalhos pastorais e sociais.

Os Missionários também atuam numa Paróquia de São Sebastião, na Diocese de Patos-PB, que foi celeiro de algumas vocações. Lá realizam trabalhos costumeiros, assim como numa outra Paróquia, em Feira de Santana-BA.

A História dos Missionários no Piauí se dá a partir dos hospitais de Parnaíba e Teresina, onde trabalharam as Filhas do Coração Imaculado de Maria, da Congregação fundada pelo Padre Júlio Maria de Lombaerde. O Arcebispo de Teresina, Dom Otaviano Pereira, insistiu muito para que os Missionários viessem de Macapá para trabalhar no Piauí.

A partir de 1922, os Missionários vão do Amapá para o Piauí. Os primeiros foram: Padre João Agethen; Padre João Wagner; Padre Francisco Germing e Padre José Maria Lauth que tomou conta da Paróquia de São João do Piauí. Eles trabalharam em outras Paróquias com muitas dificuldades e desentendimentos com a população local. Mais uma vez, a exemplo do Amapá, não houve acordo sobre a entrega da Prelazia de Oeiras aos religiosos. Apesar das dificuldades encontradas, os Missionários trabalharam vinte e cinco anos no Piauí, marcados por desentendimentos com autoridades eclesiásticas e políticas, por causa de uma não-inculturação aos costumes e conseqüentes choques ideológicos, que eram comuns nos sertões do Nordeste Brasileiro, cujo povo, tinha como característica ser resistente às opressões.

A chegada dos missionários na região do Crato-CE justifica-se como uma conseqüência da posição do Brasil contra a Alemanha na Segunda Guerra Mundial, que causou discriminação e perseguição a muitos religiosos estrangeiros. O Arcebispo de Olinda e Recife, na pessoa de Dom Miguel de Lima Valverde proibiu a realização de retiros no Convento dos Missionários da Sagrada Família. A partir dessa realidade, os missionários se deslocam para o Crato-CE e foram recebidos pelo Bispo local, Dom Francisco de Assis Pires.

No Crato, logo erigiram a primeira Residência e assumiram uma Paróquia no centro da cidade, a Paróquia de São Vicente Ferrer, onde missionaram por várias décadas. Enquanto os missionários aguardavam a permissão dos Superiores para a construção do Seminário Menor, atendiam à Paróquia e a capelas vizinhas.

O Bispo do Crato solicitou a presença dos missionários nos Inhamuns, uma região muito pobre, castigada pela seca, mas uma região de pessoas muito religiosas. Foram para os Inhamuns os padres: Padre Francisco Bliestle; Padre

Francisco Xavier Nierhoff e Padre João Begon. Lá eles pregaram as Santas Missões e muito agradaram ao Bispo e à população local. As duas Paróquias daquela região, Saboeiro e Arneiroz foram assumidas pelos Missionários da Sagrada Família. Eles usavam como meio de transporte o cavalo e o burro e percorriam todas as capelas da Paróquia. Depois chegaram outros missionários para ajudar nas Missões, a saber: Padre Guilherme Mirlebrink e Padre Evaldo Bette.

A Região é caracterizada como um sertão pobre. Os homens são vaqueiros, porque antigamente existiam muitas fazendas de gado. A Região é castigada por secas duradouras, que contribuem para o êxodo rural da população e a sua concentração nas grandes cidades. Do ponto de vista político, há muitas divergências e intrigas, ainda como heranças dos grupos oligárquicos e em decorrência das desigualdades e injustiças sociais.

A presença e atuação dos Missionários da Sagrada Família nas duas Dioceses foi marcada pelo dinamismo social e religioso, porque lá trabalharam em escolas, hospital construído por eles mesmos, nas CEBS, (Comunidades Eclesiais de Base) segundo os moldes do Vaticano II e da linha de ação do Bispo de Iguatu, Dom Mauro Ramalho de Alarcon y Santiago. Na Região dos Inhamuns, os religiosos trabalharam por cerca de sessenta anos de 1923-2003. Foram aproximadamente 23 sacerdotes, dos quais dezesseis alemães, três holandeses, três brasileiros e um polonês.

Atualmente, os missionários estão distribuídos em várias regiões do Brasil, que contam com três Sedes Provinciais: Recife, Belo Horizonte e Porto Alegre. A Província do Recife é denominada pela Congregação Religiosa de Província do Brasil Setentrional. Nessa Província foram aproximadamente 200 missionários, sacerdotes, escolásticos e irmãos que missionaram no Nordeste Brasileiro e que

consolidaram a Congregação. Hoje, as áreas de atuações diminuíram porque morreram muitos missionários, não foram substituídos por outros estrangeiros e por causa da crise de vocações nativas. As áreas de atuação são em cinco Estados ou em sete Dioceses diferentes, em regiões pobres e necessitadas. A preocupação principal é com o despertar das vocações nativas, para a continuação da Missão no Brasil. Na evangelização procura-se promover a dignidade humana e a vida cristã, a partir das novas orientações definidas pelo Concílio do Vaticano II.

2.3 Presença em Natal - Rio Grande do Norte

Os primeiros missionários que chegaram a Natal vieram de Icoraci no Pará. Após a situação de abandono dos missionários na Santa Casa de Misericórdia de Belém do Pará, eles foram convidados pelo então Bispo Dom Joaquim Antonio de Almeida em fevereiro de 1912.

O clima e a situação de transporte marítimo para Natal eram mais favoráveis e rápidos, do que nas Regiões missionárias da Prelazia de Santarém no Norte do País. Os missionários chegaram a Natal ainda abatidos pelas enfermidades e foram aclimatizar-se em Goianinha, aos cuidados do vigário local, o Padre Moisés Ferreira. Após a recuperação naquela cidade, os missionários foram para São Gonçalo do Amarante, uma velha e abandonada Paróquia à margem esquerda do rio Potengi, próximo de Natal doze quilômetros.

Os primeiros a chegarem foram o Padre Henrique Paulssen e o irmão Boaventura. Em seguida, juntou-se a eles o Padre Luiz Bechold, um alemão, já restabelecido de sua enfermidade, que acabara de chegar de Belém do Pará.

No dia vinte e cinco de outubro de 1912, vieram outros cinco missionários de Grave, na Holanda, para juntar-se aos demais confrades. Em São Gonçalo do Amarante, formou-se a primeira Comunidade missionária no Nordeste Brasileiro, apesar de que todos eles sabiam que a permanência em São Gonçalo seria provisória, porque já tinham entrado em acordo com o Bispo Local, para assumir o Colégio Diocesano Santo Antônio de Natal. Após a estadia por alguns meses, eles foram transferidos para Natal no início de 1913.

Em Natal, os missionários dirigiram o Colégio Diocesano Santo Antônio, que pertencia à Diocese Local, em regime de internato e externato. Neste Colégio, também estudavam os Seminaristas da Diocese, juntamente como os alunos das famílias abastadas de Natal. Os Padres exerceram a função de professores, um novo estilo de Missão, aprovado pela Congregação. A primeira Comunidade do Colégio Santo Antônio ficou constituída pelos seguintes religiosos: Padre Henrique Paulssen, Superior e Diretor do Colégio; Padre Emil Bugard, professor de Francês e Teologia; Padre José Scholl, professor de Aritmética e Religião; Padre Luiz Bechold, professor de Dogmática e Filosofia e os irmãos Boaventura e Ambrósio.

Para atender aos estudantes internos e externos, em 1913, da Casa Mãe e Grave chegaram novos padres, entre eles o Padre Fernando Nolte, alemão, com vinte e cinco anos, que veio para ensinar Línguas, Latim, Grego e Francês e o Padre André Van der Zel, holandês, com trinta e cinco anos, que veio para ensinar Inglês, Geometria e Álgebra.

No dia primeiro de março de 1913, estava formada a Comunidade dos Missionários da Sagrada Família no Brasil do Colégio Santo Antônio, junto à Igreja do mesmo nome, que também foi entregue aos cuidados dos missionários, interessante é que era uma velha Igreja militar, quase em ruína. Nas horas vagas, os

Padres aproveitavam para fazer a restauração interna e externa da Igreja. Somente nas férias de primeiro de março de 1914, a Igreja ficou pronta. Todos os dias, os padres dedicavam-se à pastoral da cidade inteira, porque só existiam quatro Igrejas, a Sé, a Igreja do Rosário, a Igreja de Santo Antônio e a capela do Bom Jesus das Dores, compondo uma única Paróquia.

No dia vinte e um de março de 1914 a comunidade teve a primeira baixa com a morte do Padre André Van der Zel, holandês, que não tinha ainda os seus trinta e seis anos. O médico constatou febre amarela e o seu enterro foi no cemitério de Natal; anos depois os restos mortais foram guardados na Igreja do Bom Jesus, na Ribeira.

No final de 1915, os missionários entregaram o Colégio à Diocese, porque não tiveram apoio financeiro do Bispo para pagamentos de débitos acumulados. Eram muitos os débitos no comércio da cidade, além do que havia muitos familiares e afilhados do Bispo, que estudavam e comiam de graça no Colégio. Com o decorrer dos meses a situação financeira dos religiosos ficou insustentável, porque não tinham possibilidade de pagar os débitos, que aumentavam ainda mais a cada mês. Na negociação, os Padres da Sagrada Família se sentiram prejudicados em seus direitos, apesar da Diocese ter colocado à disposição dos religiosos a própria Igreja da Sé, mas sem nenhum resultado, porque encontraram oposições dos padres seculares.

A Comunidade Religiosa estabeleceu-se na Ribeira, bairro de Natal, cuja residência se tornou a Sede da Congregação no Brasil por muitos anos. Na Igreja do Bom Jesus das Dores encontravam-se dois frades franciscanos, que eram refugiados políticos de Portugal. No mês de setembro de 1915, receberam comunicado para voltarem para a sua pátria e imediatamente embarcaram deixando

vaga àquela residência e a Igreja, que era capela da Paróquia da Sé. Com a vacância, Dom Adauto de Miranda Henrique, Bispo da Paraíba e Administrador Apostólico de Natal, se dirigiu ao Padre Paulssen, para que assumisse aquela igreja e também a residência, que estava alugada a um particular. Os religiosos prepararam a transição para a Ribeira, no dia vinte e sete de setembro de 1915, porque desejavam concluir o ano letivo no Colégio para não prejudicarem os alunos. No final do ano, o Colégio foi fechado e toda comunidade transferiu-se para a Ribeira. Neste mesmo período, os missionários também se estabeleceram em Ceará-Mirim, cuja Paróquia tinha como vigário, o Padre Luiz Bechold; como cooperador, o Padre Fernando Nolte. Acompanhou-os o irmão Ambrósio.

No dia primeiro de dezembro de 1915, a nova Residência da Ribeira estava constituída dos seguintes membros: Padre Henrique Paulssen, o Superior; Padre Emilio Burgard, Padre José Scholl e o irmão Boaventura.

Os Missionários estrangeiros, aos poucos, foram assimilando os costumes do cotidiano da Sociedade Natalense. Apesar das dificuldades de adaptação pela Língua, procuraram comunicar-se na medida do possível com a população e os diversos seguimentos da Sociedade. Segundo Dom Nivaldo Monte, que foi um dos integrantes do Movimento de Natal, cuja Igreja preocupada e engajada com os problemas sociais nos anos cinquenta, assim se expressou:

“eles eram homens pobres e piedosos. Vinham a cavalo do Alecrim para o Seminário de São Pedro, para atender às confissões. Eram verdadeiros missionários na cidade e no interior, porque naquele tempo só existiam três Paróquias na cidade. Tudo era muito difícil e havia muita dependência de Recife-Olinda e, depois da Paraíba”.⁸

As três Paróquias da cidade com a presença dos missionários da Sagrada Família, mencionadas por Dom Nivaldo Monte eram: a Catedral, a primeira Igreja e

⁸ Entrevista concedida em 20/05/2005.

Paróquia desde 1753; a Paróquia de São Pedro do Alecrim, criada em 1919 e a Paróquia do Senhor Bom Jesus das Dores, Sede missionária da Sagrada Família, criada em 1932.

Em 1919, o então Bispo diocesano, Dom Antônio dos Santos Cabral, autorizou o Padre Fernando Nolte a preparar o povo para a construção da Igreja de São Pedro, cujo padroeiro estava relacionado ao Seminário local, que tinham como confessores os Padres dessa Congregação Religiosa. Conforme o Livro de Tombo da Paróquia de São Pedro, no local da construção da Igreja existia uma capelinha dedicada a São Geraldo, provavelmente atribuída à devoção de particulares, que era a sala da própria residência do cônego Estevão, onde celebrava as missas para o povo. A nova Igreja foi inaugurada com muitos festejos e solenemente tomou posse como primeiro vigário o Padre Fernando Nolte, em quinze de agosto de 1919.

A partir de então, desenvolveu-se um trabalho de organização paroquial. Os missionários foram responsáveis pelas construções de Igrejas e capelas, como por exemplo: a capela de São José no bairro da Guarita; a capela de Nossa Senhora da Conceição, na conhecida Avenida Quatro; a capela de São Sebastião, na atual Avenida Nove; a capela de São João Batista, na Lagoa Seca, e outras em diversas partes da cidade e do litoral potiguar. Além dos trabalhos missionários e manuais, os religiosos organizaram o povo em Associações, como a Congregação Mariana; Confrarias, como os Vicentinos; Irmandades, como as Irmandades do Santíssimo Sacramento e do Bom Jesus dos Passos; e Ligas, como a Liga Jesus, Maria e José. Eles construíram um Instituto educacional, o Instituto Infantil Sagrada Família no Alecrim; criaram Cinema Paroquial e assistiram à Ação Católica, cujos membros se engajavam nas transformações sociais e na educação política. Conforme os

registros da Paróquia de São Pedro, os sacramentos e a catequese eram diariamente bem participados, por crianças, jovens, adultos e idosos.

Segundo Dom Nivaldo Monte, "com a Congregação Mariana, em Natal, a cidade ficou conhecida como a maior cidade Mariana da América naquele tempo"⁹. Houve uma grande difusão e intensificação na devoção a Maria, por causa da reza do Terço que se tornou popular, porque a reza deixou de ser algo privado, para se tornar comunitário e familiar, ocorria nas vias públicas e nas casas de famílias. Atribui-se essa reza do Terço Popular ao trabalho da Congregação Mariana.

Além de na Ribeira e do Alecrim, os Padres estrangeiros trabalharam ainda em Ceará-Mirim, Baixa-Verde, que hoje corresponde ao município de João Câmara e em outros lugares do litoral norte do Estado, percorrendo todas essas distâncias a pé ou a cavalo.

Depois foram para Patu, na Serra do Lima, na Diocese de Mossoró, em setembro de 1921. Lá permanecem até hoje no trabalho paroquial e no Santuário de Nossa Senhora dos Impossíveis. Por ocasião da visita do Superior Geral da Ordem, o Padre A.M. Trampe, o Bispo Dom José Pereira Alves entregou o Santuário "in perpetuum" à Congregação em vinte e dois de junho de 1923. Foi uma atitude de reconhecimento merecido por parte da Diocese de Mossoró, porque prestigiou o trabalho daqueles missionários, que teriam assegurado a sustentabilidade da Congregação. Em seguida, eles formaram a Residência religiosa em Patu, para atenderem a outras localidades do Oeste Potiguar, como por exemplo: Campo Grande (Augusto Severo), Martins, Portalegre e Alexandria. Nessas localidades, desenvolveram atividades pastorais, assistiram aos peregrinos e construíram Igrejas e Capelas. Vale ressaltar que, o grande mérito dos Padres da Sagrada Família em

⁹ Entrevista concedida em 20/05/2005.

Patú foi à construção do atual Santuário Nossa Senhora dos Impossíveis, construído pelo Padre Henrique Spitz, com ajudas de benfeitores de alemães, que eram seus amigos e familiares.

Os religiosos da Sagrada Família quando chegaram à Natal, em 1911, encontraram uma cidade cuja população ainda era muito pequena no início do século XX. Conforme Câmara Cascudo, "no último ano do século XIX Natal estava com a população de 10.000 habitantes". As únicas Igrejas existentes naquele tempo eram: A Igreja de Nossa Senhora da Apresentação, de 1614; a Igreja do Rosário, de 1714; a Igreja de Santo Antônio, de 1763 e a última Igreja vinda do século XVIII, a do Senhor São Jesus das Óreas, de 1774, que se tornou Paróquia em 1932, com a presença dos Missionários da Sagrada Família que assumiram o paróquia, e porque desde o ano de 1915 já residem na Ribeira.

Como se vê, Natal era uma cidade pequena. Por isso, os Padres da Sagrada Família não facilmente assimilaram os costumes da população natalense, ao contrário do que ocorreu na Prelazia Santarém no Pará, porque tiveram dificuldades com a cultura dos habitantes daquela região do país.

Para Natal, a presença religiosa trazida pelos portugueses foi marcante, no que diz respeito ao costume, que ainda tinha os segunmentos e classes sociais. A Cidade era pequena e a relação mais fácil e comunhão entre seus habitantes.

No meio do século XIX, houve uma população em Natal, em virtude de ser a sede da recução do lago, que os religiosos da Sagrada Família introduziram no período. Para confirmar a influência portuguesa no Brasil, assim se expressa o historiador Câmara Cascudo:



3. RELAÇÕES COM A SOCIEDADE NATALENSE

3.1 O Cotidiano e as influências sócio-religiosas da Sociedade natalense

Os religiosos da Sagrada Família quando chegaram à Natal, em 1911, encontraram uma cidade, cuja população ainda era muito pequena no início do século XX. Conforme Câmara Cascudo, "no último ano do século XIX Natal estava com a população de 16.056 habitantes". As únicas Igrejas existentes naquele tempo eram: A Igreja de Nossa Senhora da Apresentação, de 1614; a Igreja do Rosário, de 1714; a Igreja de Santo Antônio, de 1763 e a última Igreja vinda do século XVIII, a do Senhor Bom Jesus das Dores, de 1774, que se tornou Paróquia em 1932, com a presença dos Missionários da Sagrada Família que assumiram o paróquiato, e porque desde dezembro de 1915, já residiam na Ribeira.

Como se observa, Natal era uma cidade pequena. Por isso, os Padres da Sagrada Família mais facilmente assimilaram os costumes da população natalense, ao contrário do que ocorreu na Prelazia Santarém no Pará, porque tiveram dificuldades com a cultura dos habitantes daquela região do país.

Para Natal, a presença religiosa trazida pelos portugueses foi marcante, no que diz respeito ao catolicismo, que atraiu todos os seguimentos e classes sociais. A Cidade era provinciana e tornava mais fácil a comunicação entre seus habitantes.

Na segunda metade do século XX, houve uma popularidade em Natal, em virtude da devoção e recitação do terço, que os religiosos da Sagrada Família introduziram neste período. Para confirmar a influência portuguesa no Brasil, assim se expressa o historiador Câmara Cascudo:

“As festas religiosas no Brasil são motivos litúrgicos católicos que recebemos de Portugal, ampliados pela contribuição africana, indígena e mestiça. São festas que, originariamente idênticas na intenção oblacional, transformam-se pela convergência de milhares de fatores espirituais e materiais, impulsionados pela irreprimível necessidade lúdica do homem. Não apenas, a seria justificável o interesse humano, há a função religiosa da festa exigindo o exame mas a transformação desta pelo contato público. Canto, dança, indumentária, vocabulário, superstições nascem, desdobram-se, fundem-se. Era ainda o motivo social da reunião, da aproximação, polindo e cantando as tradições domésticas de educação, fórmulas de saudar, conversar, atrair e fixar o amor. Desde o cerimonial até a culinária recebiam a influência desses aglomerados humanos”.¹⁰

Novembro é o mês da Padroeira da Cidade, Nossa Senhora da Apresentação, no dia vinte e um. O último dia da novena era concorrido pelo aglomerado de devotos e romeiros, que vinham de todas as partes da cidade e povoados para celebrar a Padroeira, por ser uma das festas queridas da cidade. Após as festas religiosas dentro das Igrejas, existiam outras festas com repercussões no terreiro para o povo, que eram as atrações oferecidas, as comidas típicas, namoros de olho, carrossel, barracas e baile de sala.

Essas festas populares que aglomeravam o povo eram decorrentes das festas religiosas Continua Câmara Cascudo:

“Paralelamente às comemorações aos santos tradicionais e mais simpatizantes ao povo potiguar, as festas em Natal fixaram determinados logradouros públicos, como por exemplo: as serenatas na praça das Laranjeiras, hoje Senador Guerra, na praça do Fogo, hoje Padre Pinto, na rua dos Tocos, hoje Treze de Maio. Os banhos eram na represa do baldo, com meladinha, ou seja, com aguardente e mel-de-abelha e genebra holandesa, uma bebida cara na época. Também se registram as Ceias de peixe, n`água e sal, cozido na hora, ou frito, no azeite, vinagre, cebola e vinho tinto. Após as Ceias finas, muitas serenatas, violão e modinhas pelas ruas da cidade, sem nenhum destino”.¹¹

¹⁰ CASCUDO, Luis da Câmara. *História da Cidade do Natal*, Natal: IHGRN, 1999, p. 117.

¹¹ *Ibid.*, p. 129.

Enfim, tudo era muito simples e as atrações eram mínimas.

Vale ressaltar as festas do ciclo natalino, que eram bem características da cidade, no seu folclore popular, porque todo esse ciclo culmina com a Festa de Reis, no dia seis de janeiro, feriado na capital potiguar. O historiador José Melquíades de Macedo corrobora afirmando que:

“As festas de Santos Reis ou festa da Limpa,¹² até os idos de 1960, eram animadas, movimentadas e bem enriquecidas de folguedos populares... Como havia muito espaço, a festa engrandecia de folguedos populares, naquilo que melhor representava o expressivo folclore de adaptações. Durante a gestão de Djalma Maranhão prefeito de Natal, que durou até dez de agosto de 1959, muito prestigiou a festa dos Reis Magos trazendo os folguedos populares, na riqueza de seu folclore. Não faltavam o boi-de-reis ou boi calemba, chegança ou fandango, pastoril, lapinha e até o João-redondo ou mamulengo, os tais fantoches de empanada”.¹³

As festas religiosas e sociais da cidade no início do século vinte tiveram a participação dos missionários da Sagrada Família, que curavam as Igrejas de Natal, a partir da Igreja do Senhor Bom Jesus das Dores, na Ribeira. Posteriormente vieram as Igrejas de São Pedro, no Alecrim; da Sagrada Família, nas Rocas e de Santos Reis, no bairro do mesmo nome. Todas essas localidades havia facilidades para o envolvimento e a participação popular nas atividades sócio-religiosas da cidade.

Os missionários exerciam serviços de orientadores, conselheiros e tradutores de obras literárias à população natalense, que freqüentemente os procuravam para pedir esclarecimentos sobre questões relacionadas à vida e os costumes.

¹² Limpa – corresponde toda a extensão de terra do Canto do Mangue até a Campina do Forte, que era um descampado de dunas antes da constituição do bairro de Santos Reis.

¹³ MELQUÍADAS, José. *História de Santos Reis: a capela e o bairro*. Natal: Ed. da UFRN, 1996. p. 73-74.

3.2 A Ribeira e as áreas de atuação dos Missionários da Sagrada Família

A Ribeira e a Cidade Alta são os dois bairros mais antigos de Natal. A Ribeira, conhecida também por Cidade Baixa, nasceu banhada pelas águas do Rio Potengi e o desenvolvimento urbano foi impulsionado pela construção do porto, cujas obras foram iniciadas no final do século XIX.

Sobre a origem da Ribeira, o historiador Câmara Cascudo responde de maneira clara e objetiva:

“Ribeira porque a praça Augusto Severo era uma campina alagada pelas marés do Potengi. As águas lavavam os pés dos morros. Onde está o teatro Carlos Gomes tomava- banho em fins do século XIX. O português julgava estar vendo uma ribeira (...). O terreno era quase todo ensopado, pantanoso, enlodado. Apenas alguns trechos ficavam a descoberto nas marés altas de janeiro. Logo adiante da Estação de Ferro, na praça Augusto Severo, a corrente d'água era viva, obrigando a existência de uma ponte, simples tronco de árvore, transporte em equilíbrio instável”.¹⁴

O povoamento deste bairro realizou-se em ritmo lento. Segundo o historiador acima mencionado, no século XVIII, “a Ribeira era zona de sítios para plantações morando apenas os guardas dos armazéns que vigiavam as mercadorias exportadas para Pernambuco”.¹⁵

É importante ressaltar que a partir da segunda metade do século XIX, a Ribeira ia consolidando a sua função de bairro comercial, povoado de grandes armazéns onde eram guardadas as mercadorias importadas ou para a exportação. Neste mesmo período, a paisagem urbana da Ribeira começou a se enriquecer com a construção de prédios e a delimitação das ruas, que aos poucos, de uma região de

¹⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Cidade do Natal*, p. 150.

¹⁵ *Ibid.*, p. 151.

sítios de coqueiros, com pouquíssimas casas, vai tornando-se um bairro urbano e comercial.

Mas foi exatamente a partir de 1902, com as obras do Porto, que se empreenderam os desmatamentos e as desapropriações para impulsionar o povoamento da zona norte e leste da Ribeira. A partir de então, foram construindo filas de casas. O bairro cresceu e se tornou diverso, por causa do seu dinamismo comercial e residencial.

A Ribeira constituída como bairro em sua estrutura urbana, a partir de 1915, se tornou a Sede das missões da Sagrada Família.

A Igreja do Senhor Bom Jesus das Dores é a quarta Igreja da cidade, situada no velho bairro, domina a paisagem ribeirinha, porque está olhando para o rio Potengi. Esta Igreja tem sua origem que data do século XVIII, quando era apenas uma capelinha subordinada à Matriz de Nossa Senhora da Apresentação.

Segundo Câmara Cascudo, a referência mais remota pertinente à existência deste templo:

“É o registro de óbito de Miguel Gomes Silveira, falecido a oito de agosto de 1774, por onde se constata ter tido o defunto sepultura na Capela do Senhor Bom Jesus das Dores (...) Continua Cascudo, apesar da Ribeira ser um bairro residencial e com o maior comércio a capela foi sempre modesta, sem esplendores e seduções materiais. Ao correr do século XIX, várias vezes o Governo Provincial socorreu as necessidades da conservação, concedendo loterias e mesmo verbas pecuniárias. É verdade que era prestigiosa. O deputado dr. Leocádio Cabral Raposo da Câmara chegou a propor na Assembléia Legislativa, um Projeto criando a Freguesia do Senhor Bom Jesus das Dores. Os limites principiaram do Quartel Militar inclusive para o litoral, e se estenderão pela estrada da faxina até a barra do rio Pirangi. Apresentado a vinte e um de fevereiro de 1852, com parecer favorável das comissões, a dezoito de março, o Projeto morreu. Creio que o Bispo de Olinda não aprovou”.¹⁶

¹⁶ CASCUDO, Luis da Câmara. *História da Cidade do Natal*, p. 104-105.

A Igreja do Senhor Bom Jesus das Dores na sua primeira construção era constituída só da nave central e de paredes fechadas. Sendo que a capela-mor e a sacristia foram construídas posteriormente, como também a abertura das arcadas, os corredores e as torres. A partir de 1881 esta Igreja funcionou com os cuidados pastorais do Padre Francisco Constâncio da Costa.

Em decorrência da Revolução de 1910, ocorrida em Portugal, missionários franciscanos menores vieram residir no Convento Santo Antônio. Foi quando o primeiro Bispo de Natal, Dom Joaquim Antônio de Almeida, confiou-lhes o pastoreio da Igreja do Senhor Bom Jesus das Dores. Um deles, Frei André, construiu as torres do referido templo. Na Ribeira, os franciscanos residiram numa casa alugada a particular, num terreno atrás da Igreja.

Quando esteve à frente da Diocese de Natal (1918-1921), o segundo Bispo, Dom Antônio dos Santos Cabral confirmou a administração da Igreja do Senhor Bom Jesus das Dores aos padres alemães da Sagrada Família, que lá já estavam desde o dia vinte e sete de setembro de 1915. De início, os religiosos ficaram residindo na sacristia da Igreja. Anos depois, em 1920, compraram uma casa grande situada no alto, perto do Edifício Ouro Branco, na Avenida Cordeiro de Farias, que por muitos anos em Natal, ficou conhecido popularmente como, "Sítio dos Padres" ou ainda, "Casa dos Padres" A Congregação justificou a compra do terreno mediante recursos recebidos da Diocese, como parte das dívidas do Colégio Santo Antônio, desde 1915, quando o mesmo foi fechado.

Os padres que foram trabalhar em Ceará-Mirim e Baixa-Verde (hoje João Câmara), após quase dois anos naquelas comunidades voltaram e se estabeleceram na residência da Ribeira, no dia trinta de novembro de 1917. Como também, os padres que estiveram por alguns meses em Mossoró, vieram e se

juntaram à comunidade da Ribeira, na mesma época, para consolidar a Sede missionária da Sagrada Família. Os missionários voltaram para Natal, porque foram atender provisoriamente as substituições da Diocese, por falta de padres, enquanto houvesse novas nomeações para aquelas localidades. Além do que, os missionários eram considerados insuficientes para formar comunidades naquela época. Logo, todos se dedicaram aos serviços pastorais da Diocese de Natal e aos trabalhos de restauração total da Igreja do Senhor Bom Jesus das Dores, que não era ainda matriz. O Padre José Scholl que era carpinteiro realizou todos os trabalhos de restauração, com o seu avental e as ferramentas nas mãos, trabalhava dia e noite. O religioso pode fazer uma Igreja totalmente nova com duas torres, porque antes só existia uma torre. O Altar-mor é todo de madeira, até hoje, feito pelas mãos de Padre José Scholl, no período de 1918 a 1920.

No dia quinze de dezembro de 1919, realizou-se em Grave o primeiro Capítulo geral da Congregação, após a morte do fundador: Pe. João Batista Berthier, ms. Do Brasil, participou do capítulo, Padre Emilio Burgard da residência da Ribeira, que não voltou mais à sua Missão em Natal, porque o capítulo o elegeu Vigário Geral, cujas funções eram voltadas para a Casa-Mãe em Grave. O substituto do Padre Emilio Burgard na Ribeira, como Superior da Casa foi o Padre Henrique Paulssen, escolhido no fim do ano de 1919. Nos anos seguintes, ao Capítulo geral, de 1920 a 1921, vieram diretamente de Grave dois grupos de missionários para Natal. O primeiro, em vinte e quatro de maio de 1920, um grupo de sete novos padres, quase todos alemães; o outro grupo, de oito padres, chegou no dia vinte e um de agosto de 1921. Todos recém-ordenados vinham de Recife para Natal de trem e, na Ribeira, se estabeleciam na residência, para se adaptarem às realidades e costumes locais.

Padre No dia vinte de agosto de 1922, um ano após o envio dos missionários à Natal, o Superior geral da Sagrada Família, o Padre Antônio Maria Trampe, realiza a sua primeira visita oficial ao Brasil e à Ribeira. Por ocasião da visita, o Padre Paulssen, o Superior da Ribeira pediu exoneração do seu cargo, alegando problemas de saúde. Em vinte de julho de 1922 é nomeado o Padre Theodoro Kokke, o novo Superior da Ribeira. O Superior geral, após a visita ao Rio Grande do Norte escolheu no Recife, o Padre Fernando Nolte, como o seu secretário e intérprete na viagem que continuava até o sul do país, em vinte e quatro de agosto de 1922.

A finalidade da viagem ao sul era para manter contatos com prelados, em vista o recrutamento de novas vocações sacerdotais e religiosas, bem como a possibilidade de assumirem Paróquias e construírem seminários de formação. O resultado da viagem missionária ao sul foi considerado positivo, porque a Congregação conseguiu duas Paróquias para dar início aos trabalhos missionários naquela região, no começo de 1923. Nesta ocasião, o Núncio Apostólico do Brasil, que é o representante do Papa ou espécie de embaixador, solicitou ao Superior geral da Congregação, que visitasse a Prelazia de Macapá, para verificar a situação missionária naquela região. A visita ocorreu no dia quatro de fevereiro de 1923. O Superior voltou à Natal nos primeiros dias de junho de 1923. Neste período, já tinha falecido em Natal, o Padre Henrique Paulssen, com quarenta e cinco anos, no dia dez de fevereiro de 1923. Após quatorze meses de visita ao Brasil, o Superior voltou à Grave e chegou no dia quatorze de agosto de 1923, com o propósito de preparar novos missionários e enviá-los ao Brasil.

De 1924 a 1925 chegaram à Ribeira direto da Europa, sete novos missionários, que foram recebidos na residência em Natal, pelo Superior da casa,

Padre Theodoro Kokke. Os missionários recém chegados passavam alguns dias em convivência comunitária, adaptando-se aos costumes locais e recebendo instruções de formação, para serem enviados às diversas localidades do interior e do Brasil, onde já estavam presentes os missionários da Congregação, que precisavam de reforços para suas comunidades. O Superior da residência da Ribeira, que era o responsável no Brasil pela Congregação, no uso de suas atribuições legais, realizava periodicamente as transferências e nomeações para as funções missionárias, que julgasse conveniente, nas Paróquias e colégios existentes sob os cuidados dos seus membros.

Em 1926, houve uma segunda visita oficial do Superior geral da Congregação ao nordeste e a Belém do Pará. No término da visita, o Superior geral, Padre Antônio Maria Trampe e o Padre Fernando Nolte voltaram por Natal, no dia vinte e dois de julho de 1926. Como conclusão da visita, o Superior geral resolveu criar a “quase Província” do Norte, cuja Sede permanecia na Ribeira. A “quase Província” significa um período de preparação à instalação da Província propriamente dita, por causa do número de residências nas diversas localidades missionárias do Norte-Nordeste. O Superior geral assim se expressou:

“A visita canônica nos convenceu de grande vantagem, não existe necessidade absoluta, para a nomeação de um Superior Missionário para o Norte do Brasil, isto é, de Pernambuco inclusive até as fronteiras do Brasil no norte. Esta convicção nos faz nomear o Padre Fernando Nolte, para este cargo de Superior Missionário. Seus conselheiros, primeiro Padre Fernando Muller, Superior da residência do Barro-Recife e o segundo Padre Francisco Scholz, Superior da residência do Lima-Patú. Como ao Superior Missionário competem todos os direitos e obrigações de um provincial, assim também aos conselheiros os mesmos direitos de conselheiros provinciais...”¹⁷

¹⁷ ARQUIVO Provincial do Recife, p. 11.



No fim de 1926, a residência da Ribeira à frente do Padre Fernando Nolte, estava constituída por seis padres e um irmão. Em janeiro de 1927 houve na Ribeira, a Sede missionária, um grande encontro provincial para um retiro e uma Assembléia, cuja conclusão foi à deliberação unânime de realizarem trabalhos pastorais junto às famílias nas comunidades missionárias, em prol das vocações religiosas. A justificativa era a preocupação com o futuro, em vista a continuidade das missões da Sagrada Família.

O padre Fernando Nolte viajou de férias à Alemanha, no dia dez de outubro de 1928. Após esta viagem não voltou mais ao Brasil, porque preferiu dedicar-se ao estudo e escrever as histórias das missões da Congregação. Faleceu na companhia dos seus familiares na Alemanha, no dia trinta de janeiro de 1965. O Superior geral de Grave nomeou como substituto do Padre Fernando Nolte e Superior missionário da Ribeira, Padre Jorge Annecken, que foi transferido do sul para Natal, no dia sete de janeiro de 1929.

Entre os anos de 1927 a 1929 houve várias transferências e nomeações de confrades do norte para o sul e do sul para o norte, porque é uma práxis em todas as Congregações religiosas. Dentre essas transferências registra-se do Padre Frederico Pastors, que veio do Sul para Natal, no dia quinze de novembro de 1928.

O Padre Jorge Annecken pretendia concentrar os esforços missionários no sul do país, porque julgava ser uma região de colônias européias, com maior facilidade em conseguir novas vocações para a Congregação. Esta proposta não teve êxito, após o parecer dos demais confrades da "quase Província" do Norte, porque deliberaram permanecer também nas áreas já existentes sob os cuidados dos missionários e não ficar somente restrito ao sul.



Em vinte e nove de junho de 1929 tomou posse na Diocese de Natal, o seu quarto Bispo, Dom Marcolino Esmeraldo Souza Dantas, que procurou manter boas relações com a Congregação da Sagrada Família. Em nove de janeiro de 1932, Dom Marcolino Dantas criou a Paróquia do Senhor Bom Jesus das Dores, que até então era capela da Matriz da Apresentação, apesar de oposição dos padres seculares. Esta foi à terceira Paróquia da Cidade, que compreendia grande parte de povoados e capelas do litoral norte. Como primeiro Pároco foi nomeado Padre Frederico Pastors, o Superior nesta época, da residência missionária da Ribeira.

No dia vinte e cinco de agosto de 1933, por ocasião da visita do vigário geral da Congregação ao Brasil, o Bispo diocesano, Dom Marcolino Dantas firmou com o visitador, contrato entre a Congregação e a Diocese de Natal, de cinquenta anos em relação à Paróquia da Ribeira. O contrato entrou em vigor desde o dia da Fundação da Paróquia, com validade até o dia nove de janeiro de 1982, conforme consta no Livro de Tombo da mencionada Paróquia.

Em junho de 1937, a Congregação registrou um acontecimento histórico, que foi a transferência do Escolasticado de Grave para Recife. Esta transferência foi causada pelas dificuldades políticas e sociais na Alemanha, que prejudicavam o ingresso dos alunos nas escolas católicas. Neste período, a Sede missionária da Ribeira foi também transferida para o Barro-Recife, para dar reforço ao Escolasticado.

A partir de 1939 iniciou um isolamento entre os membros da Congregação da Sagrada Família, sobretudo com os que compunham a residência da Ribeira. Acredita-se que, esse isolamento tenha sido em virtude das conseqüências da segunda Guerra Mundial. Apesar de que, em Natal os missionários tiveram a proteção do Arcebispo, sem maiores dificuldades. As transferências e nomeações

dos religiosos ficaram reduzidas, no período da Segunda Guerra, para que não houvesse falsos juízos contra os padres alemães.

Em vinte e quatro de 1947, houve mais uma visita oficial ao Brasil pelo Conselheiro, Padre Francisco Görres, que esteve na Ribeira confirmando a residência, apesar de reduzida em seus membros, por causa das transferências, que voltaram ocorrer normalmente. A Comunidade da Ribeira estava constituída dos seguintes religiosos em 1948: Padre Frederico Pastors, Padre José Winterhalter e o Padre José Biesinger. Estes padres eram responsáveis por várias áreas, que compreendiam a Paróquia do Senhor Bom Jesus das Dores, como por exemplo, os bairros das Rocas, Santos Reis e parte do litoral Norte. A residência da Ribeira com três religiosos ficava cada vez mais isolada, porque os seus membros iam ficando idosos e difíceis para transferi-los.

Nos anos cinqüenta, aquela residência missionária ficou conhecida entre os seus membros como "Petite Residence", porque não havia mais a movimentação de missionários em encontros, assembléias e as decisões missionárias, que funcionavam no Recife. Os três religiosos ficaram conhecidos popularmente como os "três reis magos" da Ribeira. O próprio povo da Paróquia tinha intercedido ao Superior no Recife, Padre Xavier Nierhoff, que não os transferisse da Ribeira, porque o trabalho dos religiosos, como assistentes, diretores e conselheiros espirituais junto às associações, o atendimento religioso e pastoral, bem como a administração paroquial, já estava consolidada e os padres eram idosos.

Os três religiosos eram sempre confirmados pelo Provincial a permanecerem na Ribeira, de forma que, entre eles mesmos havia o rodízio do cargo de Superior da casa e da Paróquia, o que indica que entre eles não havia disputa de poderes.

De 1956 a 1964 não houve mudanças entre os religiosos da Ribeira, apesar de várias tentativas e insistências do Provincial. Os padres radicados na "Petite Residence" não aceitavam mais qualquer modificação na comunidade. Estas atitudes agravavam ainda mais o isolamento dos padres, pela teimosia da velhice e a alegação de que precisavam administrar o único patrimônio da Congregação, que era o terreno atrás da Igreja do Senhor Bom Jesus das Dores. Este terreno já estava sendo cobiçado pela firma MARPAS, que queria negociar um pedaço para ampliar o seu prédio comercial. A decisão sobre a venda coube a Dom Eugênio de Araújo Sales, Bispo auxiliar nesta época, de acordo com o Provincial da Congregação, Padre Hennes, o que ocorreu anos depois.

A situação da Ribeira piorava cada vez mais, transformando-se num problema para a Arquidiocese e para a Congregação, já que os três padres tinham um estilo de vida de pobreza extrema, chocando-se com a formação dos religiosos mais jovens. A Ribeira era a vida para aqueles missionários idosos. Apesar da saúde e idade avançadas não deixavam de assistir às comunidades da Paróquia, incluindo a Redinha e demais populações da Zona Norte.

No dia dez de agosto de 1966 foi nomeado para a Ribeira, Padre Antônio Schulte Wrede, que se tornou o último Superior dos Missionários da Sagrada Família, na residência dos padres idosos da Ribeira. Essa foi a última tentativa da Província, com a promessa de que o recém nomeado Superior teria condições de adaptar-se e cuidar da residência e dos padres idosos. Pe. Antônio Schulte Wrede, além de alemão era permanente das Missões em Macapá, no Amapá.

Padre Antônio Schulte Wrede foi quem se responsabilizou pelo enterro dos padres, que faleceram em Natal. Padre Frederico Pastors, o primeiro pároco, faleceu no dia vinte e três de janeiro de 1969. No ano seguinte faleceu Padre José

Winterhalter, no dia dezanove de fevereiro de 1970. O primeiro tinha vinte e sete anos de vivência na Ribeira e o segundo tinha trinta anos.

O Arcebispo Dom Nivaldo Monte nomeou imediatamente padres diocesanos, para as principais capelas, a capela das Rocas e a capela de Santos Reis, sem ouvir o parecer do provincial, porque entendeu que as comunidades não podiam ficar sem assistência religiosa e sabia que a falta de padres era grande em toda parte.

No dia doze de março de 1969 foi eleito um novo provincial para a Congregação da Sagrada Família, Padre Ewaldo Bette. Este provincial visitou o Arcebispo Dom Nivaldo Monte e só pode constatar o que já sabia, sobre as capelas da Ribeira. O Arcebispo de Natal disse ao provincial que podiam ficar à vontade na Matriz da Ribeira, enquanto que, as capelas ficavam sendo atendidas pelos padres diocesanos.

No dia dois de março de 1970 foi realizados mais um encontro do Arcebispo de Natal com o Provincial, Padre Ewaldo Bette. Neste encontro foi sugerida a entrega da Igreja do Senhor Bom Jesus das Dores à Arquidiocese de Natal, porque a escassez de missionários dificultava novos remanejamentos na Congregação. Os membros da Congregação residentes no Alecrim e na Ribeira, se reuniram e deliberaram entregar a Paróquia do Senhor Bom Jesus das Dores à Arquidiocese de Natal, no dia dezoito de junho de 1970. A residência foi fechada e os seus membros transferidos para o Alecrim. Houve resistência por parte de alguns membros da Congregação, que não concordaram com o fechamento da casa da Ribeira. Foram contudo, convencidos, que a única solução para aquele momento seria o fechamento da residência, que já não contava com um número suficiente de missionários para uma comunidade. Além disso a Ribeira já não era a mesma do início do século vinte, mais se tornará um bairro comercial.

Na manhã do dia vinte e sete de outubro de 1970, o Provincial da Sagrada Família se reuniu com os missionários do Alecrim. Nesta reunião, os religiosos concordaram em trocar o terreno e a residência, pelo Instituto Infantil da Sagrada Família, fundado em 1941, no Alecrim, o qual passaria ser patrimônio da Congregação. A proposta agradou o Arcebispo, que no mesmo instante designou os padres do Alecrim providenciar as escriturações. Esta decisão aconteceu em reunião no gabinete do Arcebispo, na tarde do dia vinte e sete de outubro de 1970. Enquanto isto, a Paróquia da Ribeira já estava sob os cuidados dos padres diocesanos.

Os Missionários da Sagrada Família chegaram na Ribeira no dia vinte e sete de setembro de 1915 e saíram no dia vinte de junho de 1970. Foram quase cinquenta e cinco anos de presença e atuação no velho bairro da cidade. Os primeiros missionários a chegarem foram: o Padre Henrique Paulssen e o irmão Boaventura e os últimos a saírem foram: Padre Antônio Schulte Wrede e Padre José Biesinger. Diz-se desse último, talvez pelo seu zelo, simplicidade e pobreza, ser deixado entre o bairro das Rocas, dos Santos Reis, da Redinha e demais populações da Zona Norte, aproximadamente dois mil afilhados.

3.3 As realizações dos Missionários

As primeiras atividades dos Missionários da Sagrada Família foram realizadas no Colégio Diocesano Santo Antônio, a partir do dia treze de março de 1913. Os missionários dirigiram o Colégio, que no início de 1913 contava com trinta alunos internos e cem externos, quase todos eram seminaristas. Os padres estrangeiros exerceram a função de professores nesse educandário e também

trabalhos manuais¹⁸: carpinteiros, pedreiros, encanadores, eletricitas, pintores e bombeiros na restauração da Igreja militar de Santo Antônio. Após três anos de administração do Colégio e da Igreja ao lado, os religiosos se instalaram na Ribeira.

Na Ribeira a presença dos Missionários da Sagrada Família (m.s.f.) foi importante, porque o trabalho de restauração do templo foi completo, em suas partes internas e externas. O Altar-mor de madeira que existe até hoje foi feito pelo Padre José Scholl, que era carpinteiro. Neste período, na Igreja do Senhor Bom Jesus das Dores, se construiu mais uma torre, passando a ter duas torres na fachada principal, porque antes só existia uma. Os religiosos adquiriram uma residência e um terreno atrás da Igreja, mediante compra a terceiro, que se tornou a Sede missionária no Brasil naquele tempo.

Em fins de setembro de 1918 o Padre Fernando Nolte construiu a Igreja de São Pedro, com ajudas e donativos do povo do Alecrim e de outros bairros. A bênção litúrgica da Igreja foi oficiada pelo vigário geral da Diocese, Monsenhor Alfredo Pegado Cortez, no dia quatro de maio de 1919, perante uma multidão de fiéis. O sino da Igreja foi adquirido mediante uma campanha junto ao povo de Natal, liderada pelo Sr. João Perceval Caldas. A criação da Paróquia do Alecrim foi um acontecimento marcante para Natal, no dia quinze de agosto de 1919. O primeiro pároco foi Padre Fernando Nolte, o construtor, a partir de dezessete de agosto de 1919. Esta foi a segunda Paróquia da cidade do Natal. O então Bispo diocesano Dom Antônio dos Santos Cabral, na ocasião da instalação da Paróquia deu a bênção à imagem de São Pedro, padroeiro do Alecrim.

Em outubro de 1927, Padre Júlio Maria de Lombardi¹⁹, foi nomeado vigário da Paróquia do Alecrim (novembro de 1926 a vinte e cinco de fevereiro de 1928),

¹⁸ Os Missionários da Sagrada Família (msf) tinha como lema: "Orat et laboret" (reza e trabalho) associação à aceitação de vocações tardias e pobres, fazia deles participantes efetivos de suas construções, além de inovarem quanto à formação sacerdotal da época: os seminaristas vinham de famílias ricas e não trabalhavam.

iniciou a construção da torre da Matriz de São Pedro. O seu sucessor, Padre José Biesinger, deu continuidade à construção da torre. Ao mesmo tempo, ocorreu que:

“o vigário encomendou ao professor e escultor potiguar, Hostílio Dantas, a confecção da estátua de São Pedro, que foi feita em cimo armado, contando dois metros e meio de altura. Esta imagem foi benta no dia doze de fevereiro de 1928 em solenidade, que contou com muitos fiéis. Além da imagem do Padroeiro, em junho de 1928, foram colocados também, em cima da torre da Matriz, quatro anjos nos quatro ângulos da torre, cada um sustentando um globo de luz”.²⁰

Em 1930, os padres do Alecrim construíram a sacristia da Igreja, após adquirirem um terreno e uma casa, por compra a particulares. Em 1936, foi colocado o forro na nave central da Igreja, um trabalho que contou com as ajudas financeiras dos fiéis do Alecrim. Em 1945, foi construído o salão paroquial, situados junto à Igreja, que tinha capacidade para receber setecentas pessoas sentadas e que, durante a década de oitenta e início dos anos noventa, funcionou neste Salão Paroquial o teatro infantil Jesiel Figueiredo.

No período compreendido entre 1951 e 1952, houve uma ampla reforma na Igreja de São Pedro, pelo Pe. Martinho Stenzel dando-lhe a forma que ela possui atualmente.

É importante ressaltar que, Dom José Pereira Alves, Bispo de Natal, resolveu entregar à Paróquia do Alecrim aos cuidados da Congregação dos Missionários da Sagrada Família, porque naquele tempo a Diocese não dispunha de padres suficientes para dirigir aquele rebanho. O Bispo aproveitou a estada do Superior desta Ordem em Natal, Padre Antônio Maria Trampe e assinou um contrato com esta Congregação no dia dezessete de junho de 1923. A partir de então, os

¹⁹ O Pe. Júlio Maria de Lombardi, transferiu-se para Minas Gerais (Manhumirim-MG) onde fundou a Congregação dos “Missionários Sacramentinos de Nossa Senhora” e das “Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora” (ramo geminino).

²⁰ LIVRO de Tombo da Paróquia de São Pedro, no Alecrim, p. 18.

padres da Sagrada Família assumiram a obrigação de cuidar da Paróquia do Alecrim, por um período de cinquenta anos a exemplo do que ocorreu com a Paróquia da Ribeira.

A partir da Paróquia do Alecrim, os religiosos da Sagrada Família foram responsáveis pelas construções de várias capelas, que faziam parte da Paróquia da de São Pedro. Ressalta-se a capela de Nossa Senhora da Conceição, na avenida Presidente Sarmento, conhecida como Avenida Quatro. A localidade desta capela era conhecida como Baixa da Coruja. A construção da capela foi uma iniciativa de católicos devotos à Nossa Senhora, que pertenciam à Congregação Mariana do Alecrim. Entre esses congregados estavam João Batista do Nascimento, que até hoje reside na rua da capela; Manoel Alves, Severino do Nascimento e Juvenal Francisco de Lima. Esse grupo de congregados marianos contou com o apoio de Padre Martinho Stenzel, vigário da Igreja de São Pedro. A capela de Nossa Senhora da Conceição foi abençoada por Dom Eugênio de Araújo Sales, no dia vinte e dois de abril de 1956.

Os Padres da Sagrada Família foram responsáveis pela construção da capela de São Sebastião, da Baixa da Beleza, área do bairro do Alecrim, que antes se chamava: "Baixa da Égua". Foi nesta área que os padres do Alecrim construíram a Igreja. O Livro de Tombo da Paróquia do Alecrim não contém nenhum registro sobre a Igreja de São Sebastião. Registra-se o seguinte: "Aos vinte e quatro de janeiro de 1926, celebrou-se na Baixa da Beleza a festa de São Sebastião, padroeiro da referida Baixa da Beleza, com grande procissão e acompanhamento dos fiéis". A Paróquia de São Sebastião foi criada por Dom Marcolino Dantas, no dia vinte de janeiro de 1949, tendo em vista o crescimento da população na década de quarenta. A construção da Igreja matriz de São Sebastião, à rua Coronel Estevam,

foi um empreendimento de Padre Valdemar Fernandes Pinho, MSF, que ficou pronta em dezembro de 1970, em sua primeira etapa. Posteriormente foram feitos vários complementos na Igreja, como por exemplo, as laterais, as salas do andar térreo e o piso definitivo.

Os padres do Alecrim visando atender às necessidades religiosas da Guarita, através do seu Pároco, Padre José Biesinger, construíram aí uma capela, dedicada a São José. Sobre a Guarita diz Câmara Cascudo:

A "Guarita era uma longa rua de ferro. Com sua popularidade, outras ruas surgiram, paralelas. Guarita é um anúncio da cidade, de sua população de trabalho, para quem viaja de trem, vindo do interior do Estado, do agreste litorâneo ou da Paraíba e Pernambuco".²¹

A cerimônia e lançamento da primeira pedra para a construção da capela de São José foram realizados no dia dezenove de outubro de 1933, por Dom Marcolino Dantas. A bênção da capela ocorreu no dia dezenove de março de 1935 por Mosenhor Alfredo Pegado de Castro Cortez. Com o crescimento da população católica logo exigia a construção de uma capela mais ampla. O Padre João Antônio Wisniewski adquiriu um terreno na rua vereador Pereira Pinto e construiu aí uma nova Igreja. Em maio de 1959, após a festa do padroeiro começou a construção. E neste ano, no mês de outubro, já pronta por dentro e por fora, foi benta por Dom Eugênio de Araújo Sales, Bispo auxiliar de Natal.

A fim de dar assistência religiosa à população de Lagoa, hoje, Lagoa Seca, os padres do Alecrim resolveram erguer a capela de São João Batista. Tomou a frente dos trabalhos, os Padres Agostinho Hanecken, que era, então, o coadjutor da Paróquia de São Pedro. Sobre a realização desta Igreja, o Livro de Tombo da Paróquia de São Pedro diz o seguinte:

²¹ CASCUDO, Luiz da Câmara. *História da Cidade de Natal*, p. 249.

“Tendo sido dado anteriormente, pelo Município, um pequeno terreno, sito à rua São José, e julgado geralmente impróprio para a construção da capela, ofereceu o Sr. Manoel Bezerra um pedaço de um terreno na Curva do Bonde, começando-se então aí, os trabalhos da construção. Havendo entre a rua e a recente construção um terreno de João Alexandrino de Lima, foi aquele comprado para a capela por seiscentos mil reis”.²²

Atendendo à solicitação de Padre José Biesinger, vigário do Alecrim, o administrador diocesano, monsenhor Alfredo Pegado Cortez deu a licença canônica para a construção da capela, no dia trinta e um de julho de 1928. Uma vez feito isto, no dia cinco de agosto, no subúrbio denominado de “Lagoa Seca”, o administrador diocesano procedeu a bênção litúrgica da primeira pedra para a construção da Igreja de São João Batista. Por falta de dinheiro, os trabalhos da nova construção foram começados e no fim do ano foram suspensos, estando as paredes, então quase no respaldar. Em setembro de 1930 foram recomeçados os trabalhos da capela de São João Batista, em Lagoa Seca. As paredes foram concluídas e a capela foi coberta e ladrilhada. Os custos foram adquiridos através das festas no Alecrim, em esmolas e nas casas particulares, pelo Padre Agostinho Hanneken. No dia seis de setembro de 1931, o monsenhor Alfredo Pegado Cortez procedeu a bênção litúrgica da capela de São João Batista. No mesmo dia, Dom Marcolino Dantas benzeu as imagens de São João Batista e de Santa Terezinha do Menino Jesus.

Entre os anos de 1959-1960, os religiosos da Sagrada Família do Alecrim fizeram vários melhoramentos nesta capela, como o telhado de reboco interno, piso de cimento, altar-mor e uma parte da torre.

Aos nove de janeiro de 1963, Dom Eugênio de Araújo Sales, administrador Apostólico da Arquidiocese de Natal, criou a Paróquia de Morro Branco e Lagoa

²² LIVRO de Tombo da Paróquia de São Pedro, no Alecrim, p. 19

Seca. A capela de São João Batista passou a ser administrado pelos padres Redentoristas de Morro Branco.

Os religiosos da Paróquia do Senhor Bom Jesus das Dores realizaram Missão sócio-religiosa no bairro das Rocas. Este bairro é a continuação geográfica da Ribeira. É uma expansão natural da Explanada Silva Jardim. Durante décadas sofreu as agruras dos alagadiços nos meses de inverno, até conseguir, paulatinamente, o aterro que lhe deu firmeza. Segundo Câmara Cascudo, sobre Rocas diz:

“O nome provém do Atol das Rocas, pesqueiros afamados e de fácil atração para os pescadores. Os que pescavam nas águas do atol denominaram Rocas a morada em terra firme”.²³

Por iniciativa do Padre alemão Theodoro Kokke, foi lançada a pedra fundamental da Igreja da Sagrada Família e uma Escola Paroquial no dia vinte e cinco de agosto de 1925, conforme consta numa pedra encravada na parede frontal da Igreja. O livro de Registro de Eventos desta Igreja registra-se o seguinte:

“Convocados pelo vigário, famílias inteiras trabalharam no transporte de pedras da antiga praia do Morcego, hoje, Praia dos Artistas, até este local; muitas crianças que à época contribuíram com sua ajuda para o soerguimento deste templo, hoje ainda vivos, dão testemunho de tais afirmações e sobretudo, freqüentam e participam ativamente dos movimentos pastorais, existentes na Igreja. Após alguns anos de permanência à frente dos trabalhos de evangelização, o Padre Theodoro Kokke foi transferido para o Pará, vindo a falecer no ano de 1952”.²⁴



Como se verifica, o trabalho de mutirão foi fundamental para a construção da Igreja das Rocas. A Igreja foi construída com rapidez por causa da participação da população local, bem como através dos recursos provenientes de festas,

²³ CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Cidade do Natal*, p. 246.

²⁴ LIVRO de Registro de Eventos da Paróquia da Sagrada Família, nas Rocas, p. 02.

quermesses e doações do comércio da Ribeira. No dia dezenove de setembro de 1926, o Bispo Dom José Pereira Alves deu a bênção litúrgica à Igreja da Sagrada Família, que, como o próprio nome indica, tem como padroeiros Jesus, Maria e José. A Escola Paroquial, Nossa Senhora do Rosário, para a alfabetização de jovens e adultos daquele bairro, foi inaugurada pelo mesmo padre, no dia vinte nove de outubro de 1926. Esta escola funcionou poucos anos, porque não teve apoio financeiro. A Igreja da Sagrada Família esteve por muitos anos sob a jurisdição da Paróquia do Senhor Bom Jesus das Dores. O substituto de Padre Theodoro Kokke foi Padre Frederico Pastors. Este se dedicou exclusivamente à evangelização dos habitantes do bairro das Rocas, aproximadamente por duas décadas. Contribuiu na formação de líderes cristãos, catequistas e agentes comunitários.

Na década de sessenta, Padre Frederico Pastors teve a idéia de iniciar a construção de uma escola paroquial, para atender a população carente das Rocas. Tentou angariar recursos financeiros e materiais de construção, mas não realizou este propósito, porque faleceu em vinte e três de janeiro de 1969, na Policlínica do Alecrim.

O bairro de Santos Reis situa-se entre a margem direita do rio Potengi e a orla marítima. Os religiosos atuaram neste bairro. Conforme o Professor José Melquíades, em Manuscrito, diz que este bairro é novo. Nasceu pelos idos de 1952. Seu idealizador foi Silvio Pedrosa, na época deputado estadual e candidato a vice-governador do Estado. Santos Reis tem uma história viva pela presença dos três Reis Magos, que foram entronizados na capelinha do Forte. A construção do Forte, iniciada no dia seis de janeiro de 1958 e inaugurada no dia vinte e quatro de junho do mesmo ano, foi decisiva para o atual bairro, no que diz respeito à devoção aos

três Reis Magos, que contribuiu para a formação inicial desta porção da capital potiguar, bem como da construção da capela atribuída aos Reis Magos.

O historiador Câmara Cascudo diz:

“A construção da capela dos Reis Magos repercutiu por todos os bairros da cidade como uma predileção pessoal dos santos. A capela inaugurou-se a vinte e sete de novembro de 1910 e as festas de seis de janeiro ainda são de inigualável prestígio coletivo”.²⁵

A capela de Santos Reis foi conhecida por muitos anos como capela da Praia da Limpa. Esta localidade era o descampado como campina do Forte, que até 1932, pertencia à freguesia de Nossa Senhora da Apresentação curada pelo vigário da Matriz. Nessa época exercia o serviço paroquial o Monsenhor José Alves Ferreira Landim.

A partir de 1932, com a criação da Paróquia do Senhor Bom Jesus das Dores, os religiosos da Sagrada Família construíram a terceira Igreja dos Santos Reis, desta vez, na Montagem, onde ela se encontra atualmente. A razão de ser desta nova construção é porque, a capela construída na Praia da Limpa, inaugurada em 1910, ficava muito perto do mar e, num futuro próximo, poderia ruir por causa do avanço das marés. Por outro lado, e isto foi o que mais justificou, o Governo Federal precisou daquela área para instalar a Rádio-Farol. Por isso, após entendimentos entre as partes envolvidas, foi construída a capela da Montagem, que posteriormente foi ampliado e se tornou o Santuário Arquidiocesano dos Santos Reis. A benção da capela que foi removida para mais próximo das Rocas, foi autorizada mediante provisão de Dom Marcolino Dantas, no dia dezessete de outubro de 1936, que diz: “concedida licença para bênção da capela dos Reis Magos da Paróquia da Ribeira”, conforme o Livro de Tombo da Paróquia. O pedido

²⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Cidade do Natal*, p. 246.

da bênção ao Bispo foi feito pelo Padre Agostinho Hannenken que também recebeu autorização para proceder à cerimônia.

Nesta capela, perto das Rocas, celebrou-se a festa de Reis, ou festa da Epifania, no dia seis de janeiro de 1937, tendo como pároco, Padre Agostinho Hannenken, o vigário da Ribeira. Em 1960, o Padre José Winttehalter, substituiu o Padre Agostinho, na Ribeira, e empreendeu nova reforma na capela de 1936. Já fazia trinta e seis anos sem alteração. As dependências foram ampliadas, reservando a capela para sacristia. Conservou o mesmo modelo, mas deu à torre uma feição gótica, ligeira imitação das igrejas alemã. A capela de 1936 virou sacristia, as imagens dos Reis Magos, vindas de Portugal, no ano de 1755, como doação do Rei Dom José I, foram entronizadas em novo altar, na inauguração das ampliações empreendidas. O templo ficou mais amplo, espaçoso e mais apropriado ao culto litúrgico. Os padres alemães curaram o Santuário dos Reis Magos até doze de dezembro de 1965. Durante os anos de 1965-1982, a capela se tornou Sede paroquial mediante provisão de Dom Eugênio de Araújo Sales e nomeação de Padre Manoel Pereira, diocesano.

Com a morte dos Padres da Sagrada Família e não substituição por religiosos desta Ordem, as capelas das Rocas e Santos Reis passaram a ser administrada por padres diocesanos. No dia quinze de abril de 1982, Dom Nivaldo Monte, Arcebispo de Natal, baixou o Decreto nº 03/82, criando a Paróquia da Sagrada Família, cuja Sede é a Igreja construída por Padre Theodoro Kokke. Os limites da Paróquia do Senhor Bom Jesus das Dores foram diminuídos, porque o Arcebispo entendeu que a área da nova Paróquia estava cada vez mais aumentando a sua população. Os bairros das Rocas, Santos Reis e Brasília Teimosa, que antes pertenciam à Paróquia da Ribeira passaram a integrar a

Paróquia da Sagrada Família, nas Rocas. A Paróquia da Ribeira ficou limitada em seu território de jurisdição, porque não era mais um bairro residencial. Desde os anos oitenta que a Ribeira passou a se caracterizar como bairro comercial. Alguns membros do clero de Natal pensaram em transformar a Igreja da Ribeira em Santuário, atribuído ao Senhor Bom Jesus das Dores, mas nunca houve consenso entre o clero local, como também existe uma forte oposição entre os freqüentadores daquela Igreja.

Quanto ao bairro de Brasília Teimosa, nunca foi possível se construir um templo católico, nem no tempo dos missionários da Ribeira, nem tampouco nos tempos atuais. O bairro de Brasília Teimosa é um bairro novo, posterior a Santos Reis. Conforme o Professor José Melquíades, sabe-se que:

“A Fundação de Brasília Teimosa se deve a uma invasão de posseiros que invadiram o terreno baldio ao longo da praia, entre a Avenida Café Filho e o Hotel dos Reis Magos. Tinha o aspecto de favela. O nome de Brasília Teimosa nasce como dito popular, uma repetição irônica à pessoa pela teimosia dos invasores. A imprensa se encarregou de consolidar o termo. A idéia ou invenção do nome deve-se ao paradoxo entre Brasília, capital planejada, e a assimetria de casas rústicas dos posseiros teimosos. E assim nasceu e cresceu Brasília Teimosa”.²⁶

Os Missionários da Sagrada Família foram responsáveis pelas construções de aproximadamente quinze capelas do litoral norte. Entre elas, a capela da Redinha, que foi inaugurada no dia dezesseis de dezembro de 1956, por Dom Eugênio de Araújo Sales, Bispo auxiliar de Natal. O congregado Mariano do Alecrim, Dr. Otto Guerra foi um dois colaboradores desta capela. O missionário responsável pelo atendimento às capelas do litoral norte foi Padre Beisinger, que faleceu aos noventa anos. Realizou suas missões naquelas capelas de pescadores e veranistas vindo da Ribeira ou do Alecrim, a pé ou a cavalo.

²⁶ Informação do Professor José Melquíades ao aluno, em forma de Manuscrito.

Além dos trabalhos manuais, das construções de Igrejas e capelas e das funções de professores, os missionários criaram as Congregações Marianas de homens²⁷, para a formação religiosa dos leigos; criaram Conferências vicentinas e a Liga Jesus, Maria e José com mais de quinhentos homens, cuja finalidade era assegurar os princípios do cristianismo e a assistência através de atendimentos e ajudas materiais aos pobres. Criaram Escolas paroquiais, para a formação moral e cívica de crianças e jovem, como por exemplo, o "Instituto Infantil da Sagrada Família", criado em 1941 e que existe até hoje. Criaram o cinema paroquial, com a finalidade de educar culturalmente os jovens. Assistiram a Liga Feminina de Ação Católica, com a finalidade de promover a educação política, bem como a Juventude Feminina Católica composta de moças da cidade, que eram educadas para o trabalho social junto à população carente. Os religiosos procuraram engajar o povo nos trabalhos sociais, porque através de visitas à população carente detectavam as necessidades das comunidades. O engajamento social buscava acompanhar e qualificar o povo através de mini-cursos, que ensinavam os trabalhos manuais de carpinteiros, pedreiros, pintores, encanadores, eletricitas, bombeiros e cabeleleiros.

A formação dos leigos foi marcante para Natal, naquele período de influência dos Missionários da Sagrada Família, no que diz respeito à visão que eles já tinham, sobre o engajamento e a participação dos leigos nas transformações sociais. Esta perspectiva culminou com grandes movimentos e realizações da Igreja de Natal, voltados para o social na década de cinqüenta.

²⁷ Das fileiras de Congregados Marianos, orientados pelos Missionários da Sagrada Família de Natal, saiu o Presidente Café Filho, vice-Presidente de Getúlio Vargas de 1950-1954 e que o sucedeu na presidência após o fatídico suicídio.

3.4. Os testemunhos

A história da Igreja do Natal e do Rio Grande do Norte não poderia desconsiderar os testemunhos e depoimentos dos contemporâneos dos religiosos da Sagrada Família, porque constituem fontes indispensáveis de informações, para que se possa conhecer melhor o trabalho religioso e social daqueles missionários que vieram para Natal em 1911. A trajetória da Igreja do Natal, iniciada no século vinte, com a chegada dos missionários da Sagrada Família, foi importante para a história, por causa das influências introduzidas por aqueles estrangeiros, sobretudo as visões de Igreja, que proporcionaram a formação da população e o desenvolvimento social da cidade.

Conforme os depoimentos dos diversos seguimentos da sociedade natalense, não se pode compreender a história religiosa da cidade, sem mencionar os Missionários da Sagrada Família, no que diz respeito ao papel religioso e social desempenhado pelos religiosos, através da evangelização e a formação dos leigos.

A Cidade do Natal cresceu e se diversificou, a partir do legado religioso e social herdado dos portugueses, cujos valores foram aperfeiçoados e esclarecidos pelos missionários da Sagrada Família. A presença desses missionários em Natal contribuiu para os avanços da Igreja, no que se refere à criação das primeiras Paróquias da Cidade, dos trabalhos de mutirão, o engajamento social dos leigos e a formação em geral para a população natalense.

A Igreja do Natal foi importante por ser impulsionada pelos missionários vindos de Grave, na Holanda. Esses missionários trouxeram além do entusiasmo, uma nova visão de comunidades religiosas, unidas à dimensão dos trabalhos missionários. Os contemporâneos dos missionários ainda vivos confirmam que, a importância desses missionários para a construção da história local, no que se refere

à formação religiosa e social da cidade, foi relevante porque não ficaram restritos à vida de comunidade. Foram homens movidos por uma formação exigente, mas voltados para as realizações dos ideais da Igreja. Diversos seguimentos da população natalense acreditam que aqueles missionários construíram uma base sólida de formação religiosa e social para Natal. São unânimes os depoimentos sobre a atuação dos missionários, que exerceram a função de evangelizadores e formadores de gerações. Entre os seguimentos que estão de acordo, são professores, historiadores, políticos, advogados, engenheiros, médicos e outros profissionais liberais. Não obstante às dificuldades com a língua, os missionários procuraram se comunicar com o povo, através da direção espiritual, do aconselhamento, da orientação catequética, da organização social dos leigos, das associações, irmandades e ligas. Os membros desses grupos, além de auxiliarem os trabalhos missionários dos padres, exerciam suas funções na sociedade.

Uma ex-aluna dos Missionários estrangeiros, a professora aposentada, Margarida Maria do Nascimento revela o seguinte: "Os Missionários foram evangelizadores e educadores, porque naquele tempo a cidade era atrasada. Eles transmitiram conhecimentos de modo geral para a população de Natal".

O Congregado Mariano, João Batista do Nascimento, que acompanhava Padre José Biesinger pelo litoral norte, um dos construtores da Igreja de Nossa Senhora da Conceição disse: "Os trabalhos dos Missionários foram importante para Natal, porque ajudaram aos pobres serem instruídos nos princípios do cristianismo".

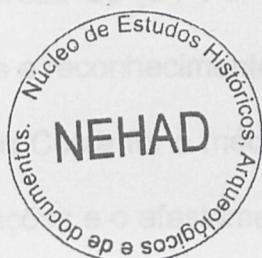
A Congregação da Sagrada Família em Natal deu impulso à Congregação Mariana, de forma que houve na época um aumento significativo de homens, voltados para a formação cristã e a propagação do terço, a exemplo das demais associações. Esta Congregação Mariana existe até hoje na Igreja de São Pedro, no

Alecrim. Continua realizando encontros de aprofundamentos, retiros e recitação do terço pelas casas da cidade. Várias personalidades natalense foram congregados marianos, como por exemplo, Otto Guerra, Aluizio Alves, José Tércio, Orlando Bessa e outros que, de certa forma tiveram contatos com os padres da Sagrada Família. A prática da recitação do terço nas casas ficou sendo freqüente em Natal, que muitos congregados marianos enfrentaram oposições de membros do clero local, como forma de controle e restrição, porque a aceitação e a popularidade estava presente em todas as partes da cidade.

O depoimento de Câmara Cascudo sobre os Padres da Ribeira reflete o pensamento dos contemporâneos, acerca da presença e atuação dos Missionários da Sagrada Família em Natal. Em "Acta Diurna" de dez de julho de 1947, entre diversas considerações destacam-se:

"... Chegaram a Natal em 1912. Eram três, dois alemães e um alsaciano. Dom Joaquim, o Bispo, mandou-os dirigir o Colégio Diocesano Santo Antônio. Fui aluno deles... Lembro as fisionomias do padre Teodoro Kokke, do padre Júlio Maria, alto forte, barbado, grande organizador social, morto num desastre de automóvel em Manhumirim. O padre Kokke construiu a Igreja das Rocas, com esforços heróicos.

Congregação de Missionários, lançados ao bom combate, de outro continente e outro idioma, lutam com dificuldades de adaptação, psicológica e fisiológica, dignas de realce e de compreensão. Do Brabant holandês, de Flandres, de Essen, Bade Renania, vão para o alto sertão nordestino sofrer, trabalhar, servir. Devemos ambientá-los de simpatia, pagando em afeto o que lhes devemos em sacrifício".²⁸



Registra-se, uma obra literária produzida pelo historiador Cláudio Augusto Pinto Galvão de 1999, que é baseada na vida do Padre Jan Wisniewsky, prisioneiro do campo de concentração de Dachau, Alemanha, durante a segunda Guerra Mundial, no período de seis de outubro de 1941 a vinte e nove de abril de 1945, e

²⁸ "Acta Diurna", publicada no **Diário de Natal**, em 10/07/1947.

residente em Natal, na residência da Congregação no Alecrim, onde faleceu a vinte e três de abril de 1988. Nesta obra, é apresentado o cotidiano do campo de concentração nazista Dachau, a partir da experiência e resistência do mencionado religioso.

A Obra do historiador José Melquíades sobre a História de Santos Reis: a capela e o bairro, contém um breve relato sobre os padres da Sagrada Família, sobretudo, os últimos que ficaram conhecidos como os “Padres da Ribeira” ou os “três reis magos”. Foram eles: Padre José Winttehalter, Padre Frederico Pastors e o Padre José Biesinger. José Melquíades chegou à conclusão que os missionários cumpriram a Missão, que a eles foi confiada. Mas foi triste o fim da vida desses religiosos que fizeram de Natal sua segunda pátria, porque ficaram isolados e relegados pelo próprio clero. A zeladora da residência onde eles moravam e que os acompanhou por muitos anos, Laura Leite, viva até hoje, confirmou o testemunho: “passaram eles, isolamento, desprezo e abandono por parte do clero local, além da penúria e a pobreza de jó”. Por isso, na obra de Melquíades é registrada uma palavra de justiça e reconhecimento, pelo muito que os missionários fizeram a Natal.

Dr. Hellen Costa foi o médico que assistiu os missionários no fim da vida e confirma as privações e o afastamento dos colegas de ministério, bem como oferece o diagnóstico final: Padre Frederico morreu de uma colicite aguda, no dia vinte e três de janeiro de 1969; Padre José Winterhalter faleceu de cardiopatia dilatada, em vinte de fevereiro de 1970 e Padre Biesinger de câncer na próstata. Morreram em idade avançada. Foram sepultados no cemitério do Alecrim. Mas posteriormente seus restos foram trasladados para o Santuário do Lima, em Patu.

Para Hellen Costa, amigo dos padres da Ribeira, desde a época do seu pai Tomás Costa, os missionários estrangeiros souberam construir a base da Igreja da

Ribeira, apesar de poucos recursos financeiros. Tratavam todas as pessoas com apreço e sem distinção. Prestaram um importante serviço à sociedade potiguar, sem nenhum interesse mercantil, apesar de viverem em estado de penúria. Emocionado, Hellen Costa declarou: "Todos eles tinham uma grandeza de espírito, que me deixava estarecido, porque parecia um negócio que vinha de Deus".

Percebe-se que, os depoimentos acima referidos revelam o sentimento de amizade e a importância que os missionários tiveram para a cidade do Natal.

O historiador Câmara Cascudo era o orador oficial nas solenidades sociais na época de Dom Marcolino Dantas. Os meios de comunicação da Cidade e do Estado publicavam anúncios, notícias e artigos sobre as atividades dos Missionários da Sagrada Família. Os principais veículos de comunicação eram: o jornal "A Ordem" da Arquidiocese de Natal; "A Tribuna do Norte" e o "Diário de Natal".

Câmara Cascudo publicou um artigo sobre o Padre Frederico Pastors, na "Tribuna do Norte", onde demonstra estima pelo seu consultor em línguas. Discorreu o seguinte:

O Padre Frederico Pastors, M.S.F., teria hoje 74 anos. Morreu em janeiro desse 1969, depois de uma intervenção cirúrgica. Estou vendo este renano de Alten, Essen, .alto, possante, sólido com um machado de guerra... Com ele entendi o catolicismo alemão, profundo e medular. Correndo no sangue e vivendo na mentalidade, vale dizer, nas potências do Raciocínio e no dinamismo da Ação. Uma fé integral, maciça, sem falhas restrições, desfalecimento.... No mais, compreensão, bom humor, afeto. Um bom charuto, uma salchicha quente, um vinho velho. Sabia, sem modificar-se, morder a maçã amarga... Foi o meu consultor nos mistérios do seu idioma. Tradutor gentil. Horas, ouvindo-o evocar sem comparar. 42 anos de Nordeste fizeram-no "entender" a Terra e a Gente, das cidades e do alto sertão, de pedra e Sol. Quanto ele fez, andando a pé, consolando, ensinando, sofrendo com seus paroquianos humildes, sabe Deus, que o premiou no Céu".²⁹

²⁹ Artigo publicado na **Tribuna do Norte**, em 10/12/1969.

Compreende-se que, a partir dos testemunhos acima referidos, a Congregação da Sagrada Família, através dos seus membros marcou a população de Natal do início do século vinte. Esta Congregação teve influência em Natal, porque apesar de ter sido considerada uma Ordem nova, recém fundada na Europa, com pouco tempo para dinamizar os seus trabalhos, contribuíram para o crescimento religioso e social da cidade do Natal.

Conforme as informações obtidas nesta pesquisa, a História da Igreja de Natal e do Rio Grande do Norte foi influenciada pela presença e atuação dos missionários da Sagrada Família, a partir do início do século vinte, nos campos religioso e sócio-cultural. Foi a partir da experiência da Ribeira, onde funcionou por muitos anos a Sede da Congregação, que partiram os missionários para o interior do Estado e outras localidades no Brasil. Foram estabelecidas setenta e dois paróquias que atuaram no Alecrim e na Ribeira, cujas Paróquias foram criadas em decorrência dos trabalhos dos missionários. As Paróquias que foram criadas e entregues à Congregação da Sagrada Família foram a de São Pedro, no Alecrim e a do Senhor Deus Jesus das Dores, na Ribeira.

A partir destas duas Paróquias na cidade percebeu-se que houve avanços e crescimentos, porque os missionários foram responsáveis pelas construções de diversas igrejas, capelas e escolas. Foram iniciativas importantes para a época, porque além dos trabalhos religiosos, os missionários envolveram a sociedade como todo. Os missionários procuraram comunicar-se com a sociedade natalense, através

CONCLUSÃO

A referida pesquisa procurou analisar a organização, estrutura de funcionamento e a expansão da Congregação religiosa da Sagrada Família, fundada em 1895, pelo Padre João Batista Berthier, na cidade de Grave, Holanda.

Como se verificou, a mencionada Congregação rapidamente cresceu e se instalou em quatro continentes. Chegou ao Brasil em 1911, cuja história começou em Macapá-Amapá, de onde vieram para Natal-RN e, depois para o Recife-PE, onde em diversos grupos e em épocas diferenciadas exerceram o ministério na região Nordeste e posteriormente foram para o Sul do país.

Conforme as informações obtidas nesta pesquisa, a História da Igreja de Natal e do Rio Grande do Norte foi enriquecida pela presença e atuação dos missionários da Sagrada Família, a partir do início do século vinte, nos campos religioso e sócio-cultural. Foi a partir da experiência da Ribeira, onde funcionou por muitos anos a Sede da Congregação, que partiam os missionários para o interior do Estado e outras localidades no Brasil. Foram aproximadamente setenta e dois religiosos, que atuaram no Alecrim e na Ribeira, cujas Paróquias foram criadas em decorrência dos trabalhos dos missionários. As Paróquias que foram criadas e entregues à Congregação da Sagrada Família foram a de São Pedro, no Alecrim e a do Senhor Bom Jesus das Dores, na Ribeira.

A partir destas duas Paróquias na cidade percebeu-se que houve avanços e crescimentos, porque os missionários foram responsáveis pelas construções de diversas igrejas, capelas e escolas. Foram iniciativas importantes para a época, porque além dos trabalhos religiosos, os missionários envolveram a sociedade como todo. Os missionários procuraram comunicar-se com a sociedade natalense, através

do exercício sacerdotal, do magistério e dos trabalhos manuais, que ensinaram à população carente. Neste campo, as áreas periféricas foram beneficiadas pela atuação dos missionários, por serem as localidades mais carentes da realidade natalense.

A presença da Congregação da Sagrada Família foi marcante para o desenvolvimento social e religioso da cidade, porque os membros da mesma se adaptaram às realidades e costumes locais, apesar da dificuldade com a língua. A cidade inteira se envolveu com os missionários, porque foram criados grupos de associações, irmandades e ligas. Essas associações foram importantes, porque além de contribuir para a consolidação da Ordem, ajudaram nos trabalhos sociais, como a assistência à população carente. Houve grande participação de homens e mulheres, que tinham suas funções na sociedade, nos trabalhos religiosos e sociais dos Missionários da Sagrada Família.

O relacionamento da sociedade natalense com a mencionada Congregação foi considerado expressivo, porque os membros dessa Ordem, não se preocuparam unicamente com suas tarefas internas, enquanto comunidade e Província, mas participaram das realidades da época. Estes religiosos foram líderes nas comunidades por onde passavam ou por eles mesmos fundadas, desde as classes mais humildes, quanto às classes mais altas da realidade natalense. Essa liderança foi decisiva para o credenciamento da Ordem em Natal, bem como a influencia que eles exerceram junto à população, através dos ensinamentos em geral.

O período que corresponde aos anos de 1912 a 1970 foi o período marcante da Congregação da Sagrada Família em Natal, porque a Sede da Ribeira, proporcionou a vitalidade da Congregação no Brasil. As áreas de atuação dos missionários foram diminuídas posteriormente, por causa da morte dos missionários,

que não eram substituídos imediatamente por outros da mesma família religiosa. Isto se deveu a uma crise em relação às vocações missionárias e religiosas no mundo inteiro, que provocou carência de padres para as missões. O último missionário que morreu em Natal foi o Padre Martinho Stenzel com noventa e nove anos, no dia sete de julho de 2003.

No início da década de setenta, a residência da Ribeira fechou, porque faltaram padres da Congregação. A Paróquia do Senhor Bom Jesus das Dores passou a ser administrada por padres diocesanos. Foi uma Paróquia de forte influência dos Missionários da Sagrada Família. O povo atribuiu o prestígio da Paróquia aos Padres, que desde 1915, lá se instalaram e dedicou seus esforços missionários a toda cidade. As duas Paróquias criadas para os religiosos da Sagrada Família, do Alecrim e da Ribeira, foram consideradas referências para Natal, na primeira metade do século vinte. Acredita-se que quase toda população natalense tenha recebido formação humana e cristã dos missionários naquele período. Estas influências foram decisivas para o agir e pensar do povo de Natal.

Por pertencerem a uma Congregação religiosa fundada no final do século dezanove, quase todos os seus membros eram alemães e sem nenhuma experiência anterior de Missão, fora da Europa, contudo os Missionários souberam cumprir os ideais da Ordem. Eles não foram reconhecidos, talvez se deva ao fato de serem estrangeiros e portadores de outra cultura, contudo, foram indispensáveis na construção da História de Natal e do Rio Grande do Norte.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES

LIVROS DE TOMBO DAS PARÓQUIAS: Senhor Bom Jesus das Dores; São Pedro, Santos Reis, Sagrada Família, São Sebastião.

LIVROS DE TOMBO: ARQUIDIOCESE DE NATAL.

ARQUIVO PROVINCIAL DO RECIFE-PE: Província dos Missionários da Sagrada Família.

JORNAL Tribuna do Norte, de 10/12/1969.

JORNAL Diário de Natal, de 10/07/1947

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Elza Araújo Leão de, (Org). **Igreja e política no RN**. Natal: Sebo Vermelho, 2000.

BARROS, José D'Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História**. Rio de Janeiro, 2002. v. 7.

_____. **O Campo da História**. Petrópolis, Vozes, 2004.

BLOCH, Marc. **Apologia de História ou Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BARNHOORN, H. J. msf. **Sacerdote para todo o Povo**. Recife, 1995, Monografia. Loyola, 1997.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Sentido e História**. São Paulo: Papyrus, 1997.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da Cidade do Natal**. Natal: IHG/RN, 1999.

DUBY, G. Aries; P. Ladurie, E.L.R; LE GOFF, J. **História e Nova História**. 3 ed. Lisboa: Teorema, 1994.

ELIADE, Micena. **O Sagrado e Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FRIEDHELM, Jurgensmeir Herausgegeben Von. „...Zudenen in der Fermegehen ...” Mainz: Inst. Fur Mainzer Kirchengeschichte, 1995.

GALVÃO, Cláudio. **Campo da Esperança**. Bauru: EDUSC, 1999.

HUGHIES, Philip. **A História da Igreja Católica**. São Paulo: Dominus, 1962.

LIBANIO, João Batista. **A Igreja contemporânea**. São Paulo: Loyola, 2001.

LIMA, Luiz Gonzaga se Souza. **Evolução política: dos católicos e da Igreja no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1979.

LOMBAERDE, P.I.M. **De la vie etl'esprit du R. P. Jean Berthier**. Grave (Holanda): Institut de la Sainte Famile, 1910.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MARTINA, Giacomo. **História da Igreja de Lutero a nossos dias**. São Paulo: Loyola, 1997.

MELQUÍADES, José. **História de Santos Reis: capela e o bairro**. Natal: Editora da UFRN, 1996.

REVISTA DOS MISSIONÁRIOS SALESIANOS, Passo Fundo: Graf. Ed. Pe. Berthier, Jan./Fev. 1996.

REIS, João José. **A Morte é uma Festa**. São Paulo: Ed. Sehwares, 1991.

SCHUTEN, Henrique pe.; LIBÓRIO, Luiz Alencar pe.; ARAÚJO, Vicente Laurindo pe. **Os 82 anos de Serviço Missionários, no Norte e Nordeste do Brasil**. crônicas. Natal: Arquivo da Paróquia de São Pedro, [s. d.]

TOYNBEE, Arnold J. **O Desafio do Nosso Tempo**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.



São do Chico com parapeito em alvenaria.



A janela e parapeito em Roma, via di Villa Trull 56

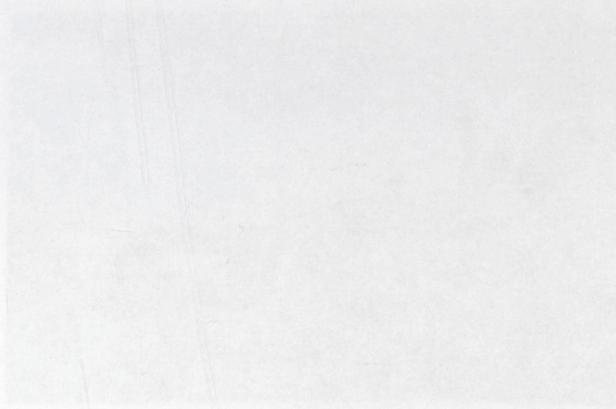


A "maneira" e o uso de alvenaria.

ANEXOS



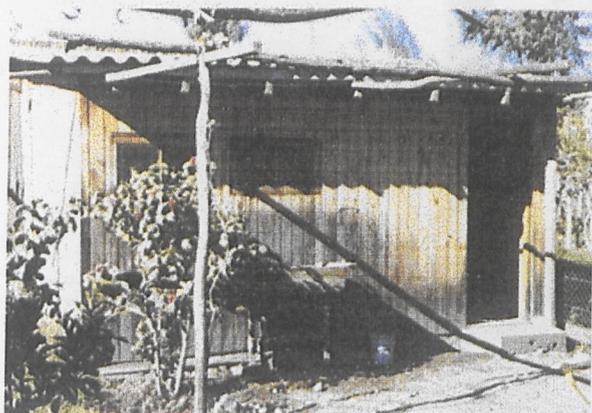
A janela em Galkopoli.



O trabalho em Kambur (Sungai, parte de Konia, Turquia)



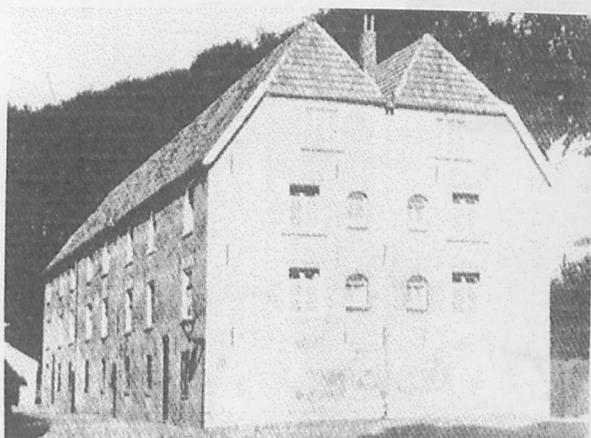
Verificação das condições de trabalho em Kambur (Sungai, parte de Konia, Turquia)



Sul do Chile: casa paroquial entre camponeses



A central: o generalato em Roma, via di Villa Troili 56



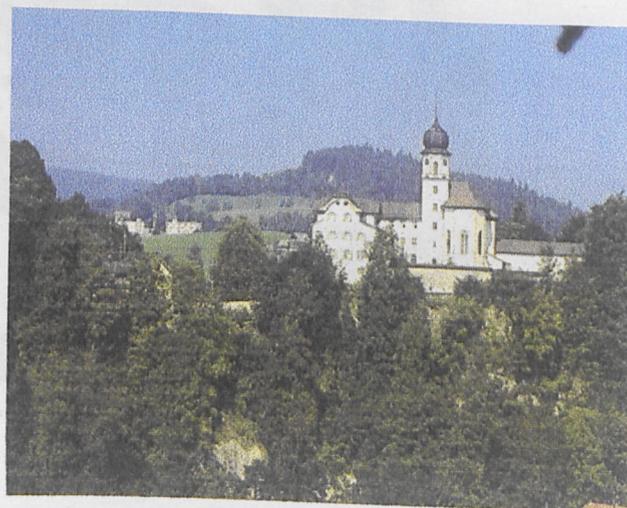
A "casa paterna", a caserna em Grave, Holanda



Casa paroquial e provincialado em Balikpapan, Kalimantan



O seminário em Kazimierz Biskupi, perto de Konin, Polónia



Werthenstein, Suíça: antigo convento e ao fundo se vê o novo seminário



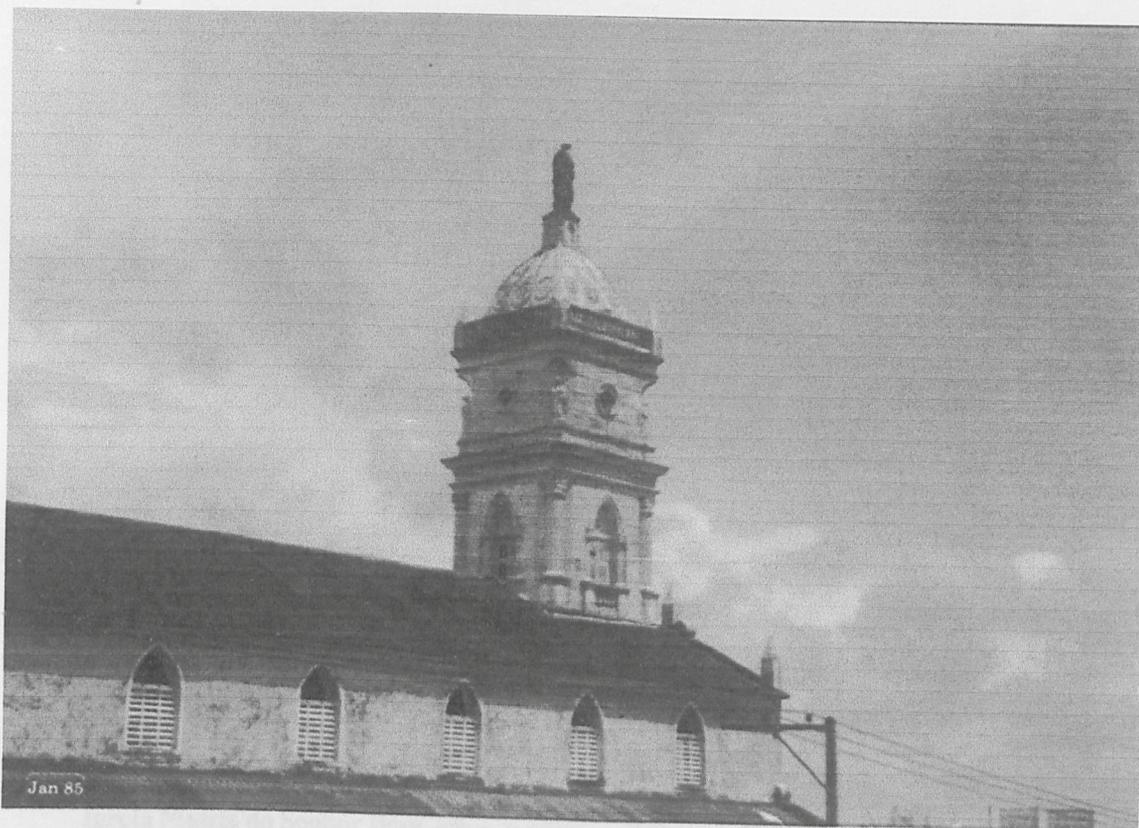
Pe. Martinho Stenzel, em Natal desde 1938.

Igreja Matriz de São Pedro - Bairro de Alecrim - Natal, 1985



Instituto Sagrada Família - Alecrim - Natal. Frente, 1985.

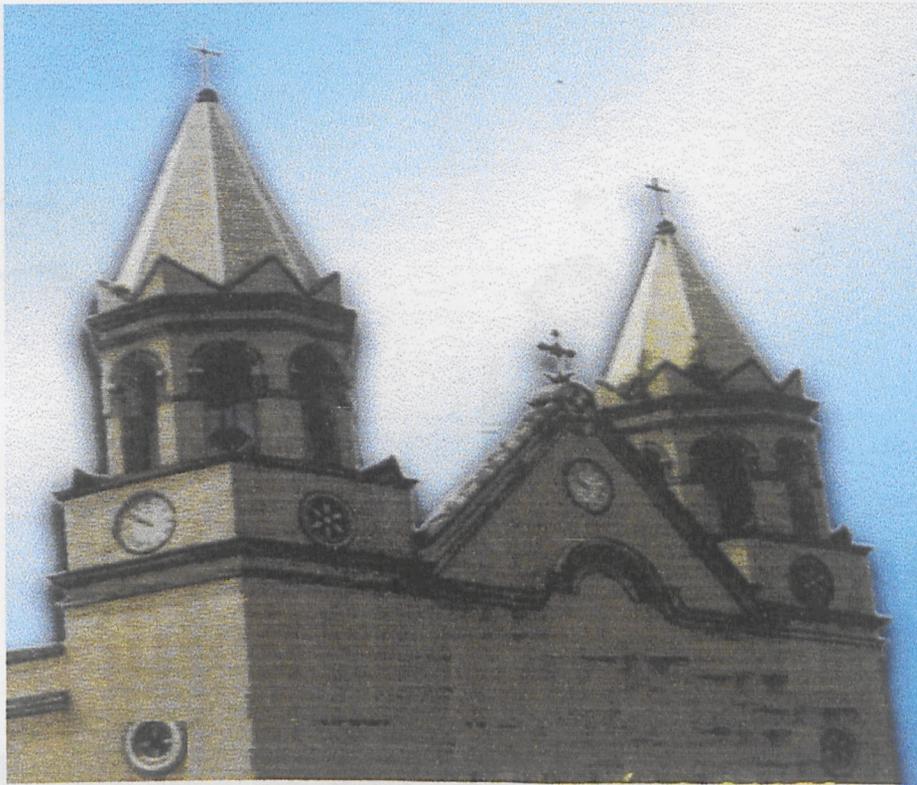
Igreja Matriz de São Sebastião - Bairro de Alecrim - Natal, 1985, construída pelo Pe. Valdemar Nabo



Igreja Matriz de São Pedro – Bairro do Alecrim – Natal, 1985



Igreja Matriz de São Sebastião – Bairro do Alecrim – Natal, 1985, construída pelo Pe. Valdemar Pinho



Igreja Matriz do Senhor Bom Jesus das Dores, Ribeira – Natal.



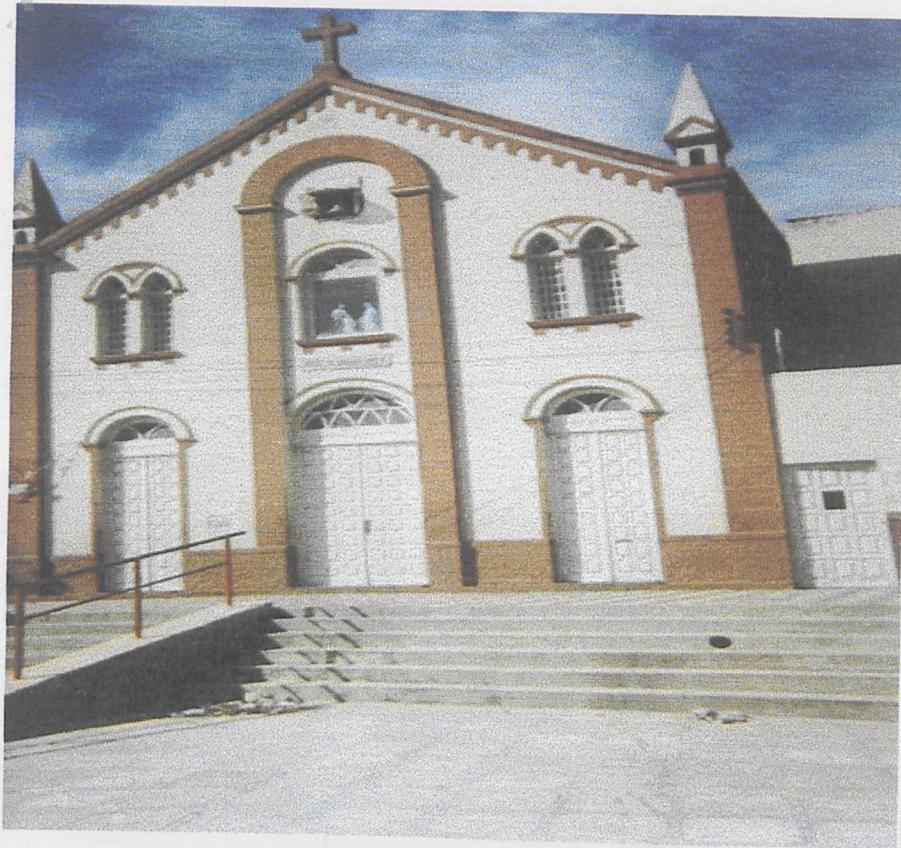
Altar-mor da Matriz da Paróquia do Senhor Bom Jesus das Dores, Ribeira – Natal. Fundada a 09/01/1932 e administrada até 1969 pelos M.S.F. O altar é todo de madeira feito pelo carpinteiro fino P. José Scholl nos anos de 1918 a 1920.



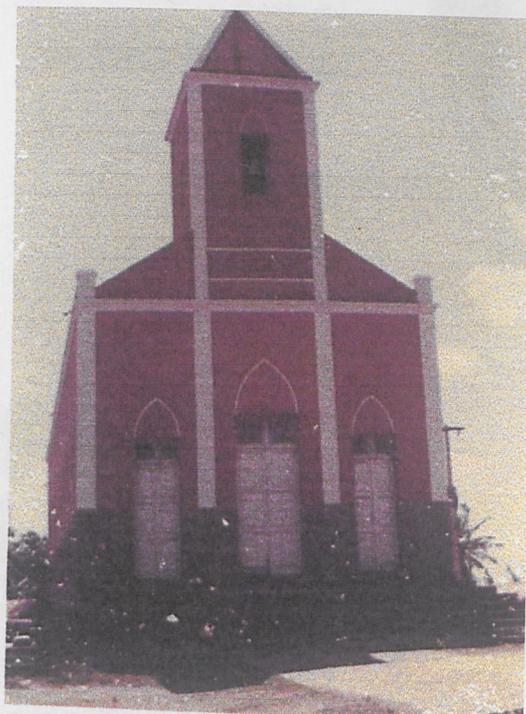
Igreja do Galo – Bairro de Cidade Alta – Natal, 1985, 1ª residência dos M.S.F. em Natal de 1913 a 1915 – hoje Convento dos Capuchinhos.



Igreja Matriz de São Gonçalo do Amarante, 10 km de Natal, onde se formou a 1ª comunidade dos M.S.F. no Brasil, de 15/10/1912 a março de 1913.



Igreja Matriz da Sagrada Família, nas Rocas, Natal, construção do ano de 1925.



Capela de Santos Reis, no bairro de Santos Reis, Natal, última construção de 1960.

ÚLTIMOS RELIGIOSOS DA RESIDÊNCIA DA RIBEIRA



Pe. José Briesinger



Pe. Frederico Pastors



Pe. José Winterhalter